

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

BEATRIZ CARVALHO DA SILVA

**"ELE VAI ME MATAR":
ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA DO ASSASSINATO DE NICOLE
BROWN E O *MODUS OPERANDI* DA IMPRENSA ESPECIALIZADA**

Maceió
2020

BEATRIZ CARVALHO DA SILVA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires

Maceió

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)

**Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes
(ICHCA) Curso de Jornalismo**

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 02 dias do mês de junho do ano de 2020, das 11h20 às 12h55, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), *online* via RNP, a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado “*‘Ele vai me matar!’: análise da cobertura midiática do assassinato de Nicole Brown*” de autoria da graduanda Beatriz Carvalho da Silva, matrícula 15111324, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por **Magnólia Rejane dos Santos** (1ª examinadora), **por Luciana Santana** (2ª examinadora) e por **Lídia Ramires** (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduanda foi arguida pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

- Aprovado, atribuindo-lhe a nota 10,0 (dez inteiros)
 Reprovado
 Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a __ dias úteis.

Subscrevemo-nos

(orientadora)

(1ª examinadora)

(2ª examinadora)

RESUMO

Este trabalho discute o histórico de violência doméstica que a estadunidense Nicole Brown sofreu em seu relacionamento com O. J. Simpson mesmo após o divórcio do casal em 1994: quando foi brutalmente assassinada. O ex-marido foi o principal suspeito do crime de proximidade, no caso que juntava uma série de provas de DNA compatíveis contra ele, mas Simpson saiu inocentado do processo, conduzido por um júri predominantemente negro em uma Los Angeles marcada por conflitos de raça e classe, acirrados pela violência policial dirigida aos afro-americanos. O auge da carreira de O. J. enquanto estrela do esporte universitário e sua atuação na *National Football League* (NFL), a liga mais popular da modalidade, coincidem com o boicote que marcas e dirigentes do esporte promovem contra os atletas negros que se manifestam sobre a violência policial e o racismo, pautas que o atleta não defendia quando estava em atividade, apresentando declarações que sinalizam que o atleta está acima disso.

Utilizando o documentário *O. J.: Made in America* (2016) e autores que pesquisam o esporte, Coelho (2003), violência, Dias (2008), crimes de proximidade, Carvalho (2014) e análise do discurso de linha francesa como fazem Orlandi (2012) e Ramires (2017), o trabalho aborda a cobertura midiática do assassinato de Nicole Brown e as produções de sentido fabricadas a partir dos discursos que tomaram a imprensa. Compreender isso tudo só é possível diante de uma análise não só do contexto, mas de práticas do jornalismo esportivo e da imprensa como um todo, que blindam ídolos de condutas inadequadas e acusações, deixando seus crimes caírem no esquecimento do dia a dia e, conseqüentemente, da opinião pública, ou suavizando os atos, chegando a diminuir a violência e até mesmo a desrespeitar a memória das vítimas e seus familiares.

Palavras-chave: Nicole Brown. Femicídio. Violência. Jornalismo Esportivo

ABSTRACT

This paper discusses the track record of domestic violence that the American Nicole Brown suffered in her relationship with O. J. Simpson even after the couple's divorce in 1994: when she was brutally murdered. The ex-husband was the main suspect of the crime of proximity, in a case that gathered a series of compatible DNA evidence against him, but Simpson was acquitted of the case, conducted by a predominantly black jury in a Los Angeles marked by race and class conflicts, aggravated by police violence against Afro-Americans. The peak of OJ's career as a college sports star and his performance in the National Football League (NFL), the most popular league in the sport, coincide with the boycott that brands and sport leaders promote against black athletes who speak out about violence police and racism, guidelines that the athlete did not defend when he was in activity, presenting statements that signal that O. J. is above that.

Using the documentary *OJ: Made in America* (2016) and authors who research the sport, Coelho (2003), violence, Dias (2008), crimes of proximity, Carvalho (2014) and the French line of discourse analysis as Orlandi (2012) and Ramires (2017), the work addresses the media coverage of the murder of Nicole Brown and the production of meaning fabricated from the speeches that took over the press. Understanding all this is only possible by analyzing not only the context, but the sports journalism practices and the press as a whole, which shields idols from inappropriate conduct and accusations, letting their crimes fall into the forgetfulness of everyday life and, consequently, public opinion, by softening acts, reducing violence and even disrespecting the memory of victims and their families.

Key words: Nicole Brown. Femicide. Violence. Sports journalism.

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Nicole Brown Simpson | 29 |
| Figura 2 – Polícia acompanha o Bronco de O. J. | 37 |
| Figura 3 – Ilustração dos 12 jurados exibida no documentário O. J.: Made in America | 39 |
| Figura 4 – Capa da série The People v. O.J. Simpson: American Crime Story no Brasil... | 42 |
| Figura 5 – O. J. Simpson no tribunal mostrando que as luvas não servem | 46 |
| Figura 6 – Capa da revista Star sobre Nicole | 47 |
| Figura 7 – Capa de If I did it | 52 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 5 |
| 2 O JORNALISMO ESPORTIVO E A COBERTURA DA VIOLÊNCIA | 9 |
| 2.1 Você é Mulher | 13 |
| 2.2 A homofobia é sempre um gol contra | 15 |
| 2.3 Atletas em destaque e a acusação de crimes de proximidade | 17 |
| 2.4 Caso Eliza Samudio | 20 |
| 2.5 O esporte e crimes de proximidade contra crianças e adolescentes | 23 |
| 3 A TRAJETÓRIA DE O. J. | 26 |
| 4 AS VIOLÊNCIAS QUE NICOLE SOFREU | 31 |
| 4.1 A ordem cronológica dos fatos | 35 |
| 4.2 A maior corrida da vida de O. J. | 36 |
| 4.3 O julgamento do assassinato de Nicole Brown e Ronald Goldman | 38 |
| 4.4 Os erros da acusação | 44 |
| 4.5 O resultado | 48 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 56 |
| CONCLUSÃO | 57 |
| REFERÊNCIAS | 60 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva, partindo do caso de assassinato da estadunidense Nicole Brown em 1994, abordado no documentário *O. J.: Made in America* (2016) atentar o olhar para a maneira que a imprensa conduz os casos de violência contra a mulher e feminicídio, protegendo os agressores do meio esportivo quando se tratam de pessoas famosas, queridas pelo público. E, assim, compreender um quadro geral de como esses discursos são processados e se perpetuam na sociedade, criando semelhanças entre os tratamentos recebidos pelas vítimas dos chamados crimes de proximidade, praticados por atletas ou ex-atletas, como é o caso do principal suspeito do assassinato de Nicole: seu ex-marido, O. J. Simpson. Para construir o argumento, o contexto de produção do jornalismo esportivo no Brasil é analisado, levando em consideração o quanto há de dramaticidade nas histórias desde sua popularização no país, que chegou com o futebol, como é apontado na obra de Coelho (2003).

Assim, é possível compreender como pessoas comuns e de origem humilde ganham tanta paixão da imprensa e do público, se tornam verdadeiros ídolos e são tratados como se fossem automaticamente inocentes de qualquer acusação pelo grau de prestígio que ocupam, conquistado através da carreira e do carinho que recebem da torcida diante de uma postura padrão. Tal requisito é, entretanto, pouco lógico: alguém com uma personalidade desagradável, que destrata o público e a imprensa, má relações com os colegas do esporte, emita declarações questionáveis e até mesmo tenha um histórico de violência dentro ou fora do campo consegue, ainda assim, receber reações apaixonadas dos fãs do esporte.

A violência pode, portanto, ser cometida por ídolos. E é cometida. O comportamento dessas pessoas é acompanhado e influencia o público que os trata como celebridades do entretenimento. Tamanho envolvimento também é responsável por despertar no público e na imprensa o interesse sobre a vida pessoal deles, tornando esse aspecto uma outra modalidade da cobertura midiática, que envolve colunas de fofoca, jornalismo esportivo, policial e a linguagem de espetáculo do jornalismo popular, onde os títulos, as narrações e o aspecto grotesco dos fatos alimentam a vontade de acompanhar o desenrolar da história.

Apesar do comprometimento de algumas instituições em combater as formas de violência e os preconceitos, as ações são frequentemente resumidas a campanhas de conscientização e não se aplicam no dia a dia das equipes e torcidas que, frequentemente, voltam ao noticiário por racismo, homofobia e machismo, por exemplo. Não é incomum que

clubes se isentem da postura de seus atletas por separarem a vida pessoal da vida profissional. Dessa forma, não comentam e não punem, promovendo um silenciamento até que o caso seja esquecido. Quando há penalização, é constante que sejam leves ou consideradas injustas. O torcedor chega a se ver também punido quando um craque é afastado dos gramados, desfalcando a equipe.

Analisando os esportes mais populares do Brasil e dos Estados Unidos, que são o futebol e o futebol americano, respectivamente, é possível encontrar um conjunto de denúncias contra atletas que saem inocentados por conta da estrutura de poder que desfrutam: advogados, assessores, técnicos e dirigentes trabalham para costurar acordos que afastem a imagem ruim do atleta e do clube. Esse trabalho de proteção de imagem, que inclui negar os fatos e desacreditar as vítimas é, por outro lado, nocivo para a sociedade como um todo.

Também é importante compreender que a inexistência de um discurso forte contra a violência expõe crianças, mulheres, homens e atletas diante de tal ameaça. Há um perigo real rondando as relações nos lares e até mesmo nas escolinhas de formação de jogadores, ambientes onde esses crimes podem ocorrer. Sem o comprometimento das instituições esportivas em endurecer o discurso e tornar a violência uma bola fora no esporte, e a própria punição judicial, a impunidade permanece enquanto regra, afetando a percepção da opinião pública sobre as denúncias que aparecem.

As vítimas de violência são as pessoas mais vulneráveis em um processo de denúncia, porque estão expondo o crime de proximidade que sofreram, conceito visto em Carvalho (2014), passam a receber muita atenção da imprensa, que revira suas vidas, transformando-as em notícia, ao invés de analisar o crime em si. Assim, o machismo opera no processo de colocá-las em descrença, desqualificando as razões de suas denúncias com as mais diversas e absurdas justificativas: ciúmes, vingança e interesse financeiro são afirmações comuns.

O sensacionalismo apontado na obra de Braga (2006) e as práticas do jornalismo popular que Amaral (2006) descreve também estão dentro da cobertura esportiva, que não pode ser analisada como algo a parte da Comunicação: o *modus operandi* que afeta outras editorias também se faz presente aqui, porque não se trata de algo desconexo do fazer jornalístico. Independente de sua posição de prestígio ou de seu passado, as vítimas não recebem um tratamento honesto.

No cenário predominante na análise, a realidade abordada é a de mulheres que se relacionam com atletas famosos e viram vítimas de crimes de proximidade, que costumam ocorrer em série antes de alcançar um desfecho de morte. Aqui, o imperativo do silenciamento também retoma a questão da conivência da imprensa: há vítimas que registram

boletins de ocorrência e acionam a polícia repetidas vezes, mas são ignoradas até que algo mais grave aconteça. A ausência de um posicionamento combativo da mídia e do esporte de forma geral também isola essas vítimas, que diante de possíveis críticas, receios e ameaças, podem reatar com seus agressores.

Então, diante de alguma fatalidade, elas também são responsabilizadas: se veem silenciadas e sozinhas quando denunciam a agressão porque não podem contar com um tratamento justo, espaço na imprensa ou uma rede de apoio. A mídia e o público levantam julgamentos diante dos cenários de violência, questionando-se como as mulheres chegam a sofrer determinados níveis de agressão. Na realidade, na maioria dos casos as agressões ocorrem em um processo de escalada, que é ignorado até que algo pior aconteça. Partindo da análise do tratamento que recebeu uma mulher branca, rica e formalmente divorciada do principal suspeito de seu assassinato: o atleta negro, o trabalho propõe estabelecer um padrão para a narrativa de descrédito enfrentada pelas vítimas, seja na imprensa brasileira ou na estadunidense.

Como esses casos são conduzidos na investigação policial, nos julgamentos e na imprensa, afetam não só o público do esporte e o cenário esportivo, mas a sociedade de forma geral. É possível, então, refletir que esses efeitos continuam a se alimentar: quem compõe a justiça e a força policial do nosso país também acompanha o processo de cobertura noticiosa dos casos de violência e o termômetro que representa a opinião pública. Se a mídia, a sociedade e a justiça estão, portanto, alinhadas na condenação da imagem de mulheres e na proteção de celebridades, há uma série de danos operando em processo, de difícil reparação.

Percebemos, então, que as histórias dessas mulheres são desrespeitadas de tantas formas na imprensa e diante da opinião pública, que mesmo quando sobrevivem não recebem um espaço de fala proporcional ao ocupado por seus algozes. A proposta do trabalho, então, é, dentro da segunda sessão, estabelecer em qual cenário a imprensa esportiva permite a propagação de um discurso de proteção e impunidade, aplicado para atletas que alcançam algum grau de sucesso e prestígio e são respeitados dentro e fora da mídia.

A operação de tal blindagem coincide com as formas de discurso e violência apontados por Ramires (2017) e Dias (2008), onde a cobertura esportiva não está distante da produção de sentidos que predomina na sociedade de maneira geral: ela se relaciona com o que impera nas demais editorias, onde o capitalismo e o poder em si estabelecem para a sociedade a quem cabe a voz e a quem cabe o silêncio, consequentemente produzindo significados que alteram a ordem de quem é vítima e quem é agressor.

Partindo da leitura da prática da imprensa especializada, a terceira sessão inicia a abordagem de um caso emblemático de crime de proximidade relacionado ao meio esportivo. O assassinato de Nicole Brown, onde o astro do esporte universitário e da principal liga de futebol americano, O. J. Simpson, seu ex-marido, era o principal suspeito do crime, é de conhecimento internacional e ajuda a refletir sobre o padrão de tratamento empregado para celebridades do esporte e suas vítimas.

A figura do atleta e seu relacionamento com o público estadunidense muito se assemelha ao posicionamento assumido por ídolos brasileiros como Neymar e Pelé, que estão, historicamente, afastados de pautas como racismo e direitos da população negra. O contexto em que O. J. está inserido retrata um homem negro diante de um cenário de conflitos raciais, mas que se moldou e foi moldado para afastar essa discussão de sua imagem e se colocar acima dessa questão. Simpson, então, ganhava liberdade para circular na imprensa e na publicidade por ser um homem negro que não desagradava a população branca, por não levantar problemáticas que a sociedade não queria discutir. Longe do confronto e do desconforto, o atleta, então, tornou-se uma figura muito apreciada dentro da sociedade dos Estados Unidos.

Por outro lado, o amor e o carinho que cabiam para a celebridade na narrativa midiática não alcançaram sua ex-esposa, Nicole Brown, brutalmente assassinada. Durante as primeiras horas após o registro da morte, O. J. já figurava como o principal suspeito do crime: afinal, um longo histórico de abuso, ameaças e ocorrências policiais ajudava a depor contra Simpson, sustentando uma possível motivação, como abordamos na quarta sessão através dos relatos das provas e dos registros telefônicos. A cobertura midiática concentrou-se mais em tratar o julgamento como um grande espetáculo, beirando o modelo de *reality show*¹, do que na missão jornalística de contar para o público sobre um caso de duplo homicídio ocorrido na casa de Nicole Brown, onde ela e Ronald Goldman, um jovem garçom assassinado ao tentar resistir aos golpes do agressor, foram vítimas.

¹ Entretenimento de improviso com situações da vida real.

2 O JORNALISMO ESPORTIVO E A COBERTURA DA(S) VIOLÊNCIA(S)

A descrição do espetáculo do esporte feita pela imprensa dá o tom do tratamento e da cobertura que permeia o meio esportivo, tratam-se de embates, disputas e pelepas para falar das partidas, enquanto os atletas são descritos como combatentes, bravos e até mesmo lendas e heróis. Não falta ânimo nas palavras utilizadas para representar o lado dos torcedores, são eles empolgados, raivosos e inclusive tristes.

Paulo Vinícius Coelho (2003) apresenta um breve histórico da explosão do jornalismo esportivo no Brasil. Em 1919, os registros da época já apontavam o esporte como uma epidemia para a população do país, mas foi na década de 1940 que os relatos se tornaram mais apaixonados. A cobertura atraía os leitores, e a história do futebol e do esporte é também a história do jornalismo esportivo. Coube aos profissionais da imprensa estabelecer ídolos, deixar atletas de fora de tal patamar e eternizar momentos clássicos, que marcaram a história dos jogadores, dos clubes e das partidas em si.

A emoção da narração é responsável até mesmo pela atmosfera das rivalidades, criadas com o trabalho da imprensa esportiva para inflamar as torcidas. “Isso é também fruto da maneira como se fazia jornalismo no Rio de Janeiro da época. Importava menos a informação precisa. Os cronistas cuidavam mais dos personagens e suas histórias, eventualmente romaneando-as”. (COELHO, 2003, p.17)

Para o autor, grandes cronistas passaram pelo jornalismo esportivo, como Nelson Rodrigues, cuja miopia o impedia de enxergar os detalhes das partidas nos estádios de futebol. A imprecisão e a confusão estão em seus relatos, mas era a dramaticidade que impressionava o leitor e despertava no público o desejo de acompanhar as partidas diretamente no estádio. Se faltava ao cronista o relato preciso de como o fato ocorreu durante a disputa, tinha de sobra a capacidade de emocionar os torcedores.

A partir dos anos 1970, o compromisso com a verdade passou a imperar nas redações. A narrativa marcada apenas pelo real representa uma problemática apontada por Coelho (2003, p.19):

O resultado é, muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já merecem lugar na história. Gente como Rivaldo. Ronaldo, Romário, Bebeto, Dunga. Gente que deu ao país o quarto e o quinto títulos mundiais e que jamais foi tratada com a reverência dedicada aos campeões de 1958, 1962 e 1970.

A reverência dedicada aos campeões é uma ideia importante para instigar uma reflexão. O status de ídolo coloca os atletas enquanto figuras intocáveis, seja por suas conquistas ou pela admiração que recebem da torcida e do público em geral. São alçados de pessoas comuns para o patamar dos heróis. E ficam, então, blindados: da opinião pública, de seus próprios feitos quando estão envolvidos em uma polêmica e até mesmo de crimes. Para Ramires (2017, p. 66),

o discurso jornalístico tem sido objeto de estudo, na Análise do Discurso, uma vez que evidenciam posições ideológicas que apontam a mídia como parte uma indústria que obedece às regras da sociedade capitalista. A mídia atua, na atualidade, como uma força que tem o poder de interferir em questões políticas, econômicas e sociais.

O tratamento diferenciado também faz parte da reverência dedicada aos campeões, mas há um aspecto problemático nisso. Dentre os citados por Paulo Vinícius Coelho enquanto lendas está Romário, acusado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro de atropelar um motociclista em 2017, época em que o senador e ex-atleta estava com a habilitação suspensa², impossibilitado de dirigir. O que couber na pauta da imprensa e do capitalismo como algo abominável, tratamento que os crimes recebem de maneira geral, também terá reflexos no comportamento da opinião pública.

Os atletas brasileiros, principalmente do futebol, saem predominantemente das periferias e da pobreza. Quando as demais pessoas de mesma origem estampam o noticiário, já são automaticamente consideradas criminosas pela mídia e sociedade. Nesses casos, a imprensa também é juiz. Enquanto para as estrelas, frequentemente faz as vezes de advogada de defesa.

A lista de astros do esporte envolvidos em crimes é extensa, seja no Brasil ou no mundo, mas a prática noticiosa quando essas denúncias surgem protege os famosos e orienta a opinião pública a proteger também, conseqüentemente. Homens adultos são tratados durante toda a carreira esportiva enquanto “garotos”, “meninos” ou “moleques”, tal infantilização também colabora para reduzir a responsabilidade de seus atos, sempre notificados como “erros”, “momento infeliz” ou “algo que possa ter ofendido alguém”.

² Ministério Público do Rio denuncia Romário por atropelar motociclista na Barra. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/ministerio-publico-do-rio-denuncia-romario-por-atropelar-motociclista-na-barra-23718167>

As notas em que pedem desculpas, produzidas pelas assessorias de imprensa, são dirigidas para “quem se sentiu ofendido”, prática que também diminui o peso da ação dos agressores, transferindo a culpa para os agredidos e aos solidários, como se existisse algum erro de interpretação, desassociando a celebridade dos danos que ela causa ao promover um discurso que reafirma as formas de violência cometidas.

O atacante da Seleção Brasileira, atualmente em atividade pelo Paris Saint-Germain (PSG), Neymar Jr., apresenta no histórico de sua carreira a fama de instável e imaturo, diante das polêmicas em que se envolve. O atleta, atualmente com 28 anos, era frequentemente chamado de “menino” de forma carinhosa pela imprensa tradicional, que minimizava a conduta infantil do jogador porque defendia a sua atuação em campo e o futuro de Neymar no esporte, protegendo-o das críticas dos torcedores e jornalistas.

Hoje, a celebridade conta também com um time de amigos, apelidados de “parças”³, que se prontificam a defendê-lo publicamente sempre que possível, em declarações nas redes sociais e na imprensa, chegando a atacar quem critica sua postura ou a atuação em campo. O grupo também frequentemente é visto acompanhando o jogador em festas e eventos.

Ao iniciar na categoria profissional, Neymar passou a colecionar discussões e indenizações pagas. O atleta é, inclusive, responsável pela demissão de profissionais como Dorival Júnior, técnico que discutiu em 2010 por não ser escalado para cobrar um pênalti contra o Atlético Goianiense. Na ocasião, o treinador do time adversário chegou a declarar que o esporte criava um monstro, referindo-se ao modo conivente que o mundo do futebol reagia diante do comportamento do jogador.⁴

Quando chegou no futebol europeu, Neymar foi criticado por buscar faltas e cair demais. O ídolo que iniciou sua carreira profissional no Santos tratava os comentários como infundados e se dizia perseguido pela imprensa e arbitragem. Em 2015, durante a Copa América, deu uma cabeçada em Murillo, zagueiro que defendia a seleção colombiana. Na ocasião, também reclamou de perseguição.

O clima dentro dos clubes também é alvo de queixas do jogador: no Barcelona, irritou-se com Nelson Semedo e precisou ser retirado do treino por colegas de equipe.⁵ Já no PSG,

³ Diminutivo de parceiros, gíria para amigos.

⁴ Santos só bateu Atlético-GO por 2 gols no jogo do bate-boca de Neymar com Dorival. Disponível em: <https://istoe.com.br/santos-so-bateu-atletico-go-por-2-gols-no-jogo-do-bate-boca-de-neymar-com-dorival/>

⁵ Nelson Semedo saiu na mão com Neymar e o fez abandonar treino do Barcelona; agora, é peça chave para novela com PSG. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/5957240/nelson-semedo-saiu-na-mao-com-neymar-e-o-fez-abandonar-treino-do-barcelona-agora-e-peca-chave-para-novela-com-psg

impediu que Cavani, atacante ídolo da torcida, marcasse um pênalti contra o Dijon, o que faria o uruguaio se tornar o maior artilheiro da história do clube, ultrapassando Zlatan Ibrahimovic, com quem havia empatado naquela mesma partida. Neymar marcou o gol, possivelmente esperando ser aplaudido, mas sua atitude recebeu vaias da torcida.⁶

Durante a derrota do PSG na final da Copa da França, um torcedor do Rennes disse que o jogador era ruim, Neymar reagiu agredindo-o.⁷ As lesões do brasileiro também colocam o atleta em uma posição pouco favorável para a imprensa europeia, porque o jogador se afasta em épocas específicas do ano, como o carnaval, onde é frequentemente flagrado em festas no Brasil. Para parcela dominante da imprensa brasileira, o discurso da perseguição sofrida por Neymar é válido. Assim, a narrativa do ídolo de que é uma vítima, injustiçado e que comete erros apenas porque está em processo de aprendizagem e evolução, é tratada, então, como uma verdade.

O jornalismo que atua na fabricação de lendas também é em parte responsável por alçar as pessoas ao patamar de intocáveis. A ausência de críticas e comentários sobre as denúncias e acusações de atletas ajudam a perpetuar sua presença na mídia, sem abalo de imagem, de forma que continuem a estampar campanhas publicitárias, inspirar crianças e faturar com o comportamento extra campo deixado de lado, esquecido. Aqui, Paulo Vinicius Coelho aborda um pouco da problemática

O problema, evidentemente, é que o que é verdade, o que é opinião e o que é lenda se misturam e nem todo mundo é capaz de diferenciar o que é jornalismo do que não é. Mas a maneira como os principais jornalistas esportivos de cada tempo se referem aos jogadores de cada época produz distorções difíceis de corrigir. (COELHO, 2003, p. 19).

Traçando o histórico do jornalismo esportivo, o autor citado também aponta para a ausência de mulheres na prática desportiva e na cobertura, como algo que só começou a mudar no início dos anos 1970. Fato recente, também diz muito sobre a lógica que tem predominado nas redações: masculina, um tanto enviesada e que não necessariamente terá um olhar favorável para as mulheres dentro das narrativas. O silenciamento enquanto prática editorial orientada pelo veículo ou enquanto opção do jornalista, que teme desagradar o

⁶ Neymar faz 4 gols... e é vaiado pela própria torcida. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/neymar-faz-4-gols-e-e-vaiado-pela-propria-torcida/>

⁷ Justiça francesa arquiva denúncia contra Neymar por agressão a torcedor do Rennes. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/justica-francesa-arquiva-denuncia-contr-neymar-por-agressao-a-torcedor-do-rennes.ghtml>

mercado ou os “cartolas” do esporte, comprometendo relacionamentos, insere seus tentáculos na nossa sociedade, em um processo contínuo de envenenamento.

É preciso, portanto, diante da leitura de Dias (2008) considerar o jornalista e o jornalismo enquanto produtos de uma sociedade regida por regras e preconceitos. Quando o Pacaembu foi inaugurado, na década de 1940, foi realizada uma partida de futebol protagonizada por mulheres. O público pediu que o presidente Getúlio Vargas impedisse a exibição de “mulheres perdidas”. A prática do futebol feminino no Brasil foi, então, proibida por 40 anos, caindo apenas em 1979, mas só em 1983 a modalidade foi regulamentada.

2.1 Você é Mulher

A atleta Marta, alagoana natural de Dois Riachos, nasceu em 1986, apenas sete anos depois do fim da proibição. Hoje, ela possui uma carreira de sucesso: seis vezes eleita a melhor jogadora do mundo, sendo cinco delas consecutivas, feito que supera homens e mulheres dentro do esporte. É a maior artilheira das seleções (entre a masculina e a feminina). Quando criança, seus irmãos a trancavam em casa para que não jogasse futebol, o treinador da escola também não aceitava uma menina: aquilo não era normal, diziam. “*Você é Mulher, Marta!*”, que é o nome de sua biografia escrita por Diego Graciano (2008). Na verdade, trata-se de uma frase que foi dita pela mãe da atleta quando, ainda criança, a futura rainha do futebol pediu um real para comprar uma bola.⁸

Hoje, Marta é Embaixadora da ONU (Organização das Nações Unidas) pela participação de mulheres e meninas no esporte. Para a ONU Mulheres, a equidade salarial é uma das metas traçadas em busca da igualdade salarial de gênero em escala global até 2030, aplicadas em conjunto com uma série de políticas para reduzir as violências que afetam as mulheres desde a infância. Durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2019, a atleta tocou nas feridas da modalidade, do meio esportivo como um todo e da sociedade em geral: o preconceito, a falta de oportunidade, a falta de investimentos, de estrutura e de bons salários.

A atleta viveu de perto o movimento das colegas do esporte, que atuam na seleção dos Estados Unidos e se uniram para lutar por igualdade salarial. Elas geravam mais receita de bilheteria do que a modalidade masculina, mas recebiam salários até cinco vezes menores.

⁸ Marta, 33: a mulher que fez o sonho do futebol ser realidade para meninas. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/02/19/marta-33-a-mulher-que-fez-o-sonho-do-futebol-ser-realidade-para-meninas/>

Falar dos problemas não faz Marta imune a tudo isso. Nas redes sociais e dentro do jornalismo esportivo, sobraram críticas para a atleta, desmerecendo o esporte, seus títulos e seu discurso.⁹

Outra atleta com projeção internacional que tem se posicionado a favor das pautas que acredita, mas é criticada até por seu corpo, pela forma de jogar e é também constantemente atacada de forma racista por comunicadores e torcedores, é Serena Williams. O que iguala Marta e Serena é a importância das atletas dentro de suas modalidades: são extremamente premiadas, recordistas. Mas ao contrário de atletas homens com feitos menores, elas não são consideradas lendas.

Marta e Serena estão longe de tal tratamento no salário, na projeção midiática e até mesmo na proteção que a imprensa e o público aplicam aos homens. A voz de seus críticos também encontra espaço dentro da imprensa, chegando até a ignorar o posicionamento e as defesas das atletas. Seus atos são constantemente criticados quando lutam por pautas justas em que acreditam, um exemplo recente, no mundial feminino, foi que para o público e para a imprensa, Marta atrapalhava um momento de entretenimento ao lembrar a desigualdade salarial. Serena, por sua vez, também recebeu críticas porque poderia encontrar outras formas de falar sobre o racismo que não fosse apoiando o movimento *Black Lives Matter*¹⁰.

Coelho não distancia o jornalista de esporte dos demais especialistas da cobertura: “não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades” (2003, p.38), então as práticas utilizadas no esporte também estão presentes em outros setores. O silenciamento de mulheres e de suas lutas ocorre mesmo quando elas alcançam prestígio profissional e conquistaram um espaço para defender o que desejam.

Marta e Serena são protagonistas do esporte, respeitadas em suas carreiras mas, ainda assim, encontram dificuldade para romper estruturas capitalistas e machistas, formas de violência que rodeiam o esporte, em práticas que apenas favorece os agressores e a continuidade de seus discursos diante da impunidade e da falta de espaço para críticas.¹¹

⁹ Em Copa marcada pela luta contra a discriminação, Marta sobe tom ao pedir por igualdade. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/em-copa-marcada-pela-luta-contra-a-discriminacao-marta-sobe-tom-ao-pedir-por-igualdade.ghtml>

¹⁰ Protestos contra o racismo e a violência policial na sociedade americana. Em tradução livre, é algo como “vidas negras importam”.

¹¹ Serena sobe o tom com pergunta sobre parar de lutar por igualdade: "Estarei no túmulo". Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/tenis/noticia/serena-sobe-o-tom-ao-ser-questionada-sobre-parar-de-lutar-por-igualdade-estarei-no-tumulo.ghtml>

Por outro lado, se Marta e Serena são julgadas quando denunciam desigualdade salarial e racismo, podemos começar a imaginar o julgamento da imprensa e da sociedade quando a fala está na boca de pessoas comuns. Agora, quando essas pessoas são mulheres que estão denunciando práticas de atletas de modalidades masculinas, excessivamente blindados por dirigentes de clubes e pela imprensa, as vozes das vítimas são abafadas e justificativas absurdas são encontradas para legitimar a violência. Assim, elas passam a ser julgadas no lugar da acusação ou do crime em si e toda a sua vida se torna objeto de interesse da imprensa e do público, como se buscassem justificativa para torná-la culpada do que sofreu.

Carvalho (2014, p. 313) aborda os crimes de proximidade como aqueles cometidos, literalmente, por pessoas próximas, sejam os parentes ou conhecidos confiáveis do convívio:

A proximidade, na maioria das vezes identificada com o parentesco – maridos, filhos, irmãos, tios, primos –, pode ser repensada, quando de um viés sociológico mais amplo, para a noção de relações de confiança socialmente estabelecidas, o que incluiria, por exemplo, motoristas de ônibus, patrões, entregadores de pizza e outros profissionais que rotineiramente entram em contato com mulheres a partir da pressuposição da confiança institucional e que podem se tornar seus algozes.

Aqui, se compreende que o algoz de uma mulher pode ser qualquer um que está em seu convívio: sejam profissionais, prestadores de serviço ou familiares. Os crimes de proximidade cometidos contra mulheres analisados no trabalho são, em sua totalidade, cometidos por companheiros e ex-companheiros, mas o cenário de abusos no esporte abordados aqui também envolve técnicos e dirigentes.

Tais práticas ocorrem vitimando homens, mulheres e crianças diante do prestígio profissional e da confiança que os atletas e seus familiares depositam no trabalho realizado, como o caso das medalhistas olímpicas dos Estados Unidos, que se uniram para denunciar o médico da equipe, após um longo histórico de abusos e ameaças, onde o adulto que deveria proteger e zelar pela saúde de meninas, praticava violências das mais diversas: além da sexual, prometia acabar com a carreira das jovens se elas denunciassem. E, também, que suas famílias estariam em perigo.

2.2 A homofobia é sempre um gol contra

Para a modalidade masculina do esporte e seus fãs, é muito mais fácil aceitar a contratação ou a permanência de um acusado de agressão do que apoiar ou respeitar um atleta

assumidamente gay. Dentro do futebol masculino, o que há de mais popular em modalidades desportivas no país, o espaço para pessoas LGBT+ é praticamente inexistente. Na rede social e nas quadras não faltam cantos e gritos homofóbicos.

Richarlyson é um atleta que nunca se declarou gay, mas convive constantemente com a homofobia no futebol. Após um semestre afastado do esporte, foi anunciado em 2017 como reforço do Guarani para a Série B. Os comentários homofóbicos não demoraram para aparecer nas redes sociais do clube, seja de torcedores do próprio time ou de torcidas adversárias. Antes da apresentação oficial do jogador realizada pelo Guarani, dois homens lançaram bombas em frente ao estádio, vestindo camisas do time. Tratava-se de um protesto contra a contratação do atleta.

O jogador foi três vezes campeão brasileiro no São Paulo Futebol Clube e ajudou o Clube Atlético Mineiro a conquistar uma vaga na Libertadores em 2013, ao vencer o rival Cruzeiro na última rodada. Falta para Richarlyson a reverência dedicada aos campeões: até nas matérias que enaltecem os seus feitos, o duplo sentido era empregado para fazer piada do jogador. De exemplo: "Richarlyson desabafa após título do Atlético-MG: 'tive que engolir cada coisa'"¹² e "Coringa do Atlético-MG, Richarlyson garante dar conta do recado em qualquer posição"¹³, publicadas no UOL e no Globo Esporte, respectivamente.

Além da imprensa, Richarlyson também sofreu com dirigentes. José Cyrillo Júnior, em 2007, na época trabalhava no Palmeiras quando insinuou em um programa de televisão que o jogador era gay. Foi processado pelo atleta por calúnia, mas o juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, da 9ª Vara Criminal de São Paulo, respondeu que o "futebol é jogo viril, varonil, não homossexual", e a ação foi arquivada. Em 2011, o vice-presidente de futebol do Palmeiras, Roberto Frizzo, vetou a contratação de Richarlyson porque o jogador não seria aceito pela torcida, após protesto de torcedores que levaram faixas com a frase "a homofobia veste verde" para a porta do clube.

¹² Richarlyson desabafa após título do Atlético-MG: "tive que engolir cada coisa" Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2013/07/25/richarlyson-desabafa-apos-titulo-do-atletico-mg-tive-que-engolir-cada-coisa.htm>

¹³ Coringa do Atlético-MG, Richarlyson garante dar conta do recado em qualquer posição. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/2013/06/coringa-do-atletico-mg-richarlyson-garante-dar-conta-do-recado-em-qualquer-posicao.html>

2.3 Atletas em destaque e a acusação de crimes de proximidade

Enquanto a carreira de Richarlyson foi prejudicada com base em boatos e no preconceito da torcida, da imprensa e dos dirigentes, outros atletas contam com extrema proteção quando as denúncias começam a aparecer. Em 2019, a modelo Najila Trindade acusou o jogador Neymar de estupro. No mesmo dia que o caso se tornou público, o atleta gravou um vídeo onde prometia expor todo o ocorrido e exibia o histórico de mensagens trocadas com a moça.

Na filmagem, há imagens íntimas da modelo com o rosto borrado, mas o seu nome está exposto através do contato que o jogador não se preocupou em ocultar. A divulgação do conteúdo sem o conhecimento da vítima foi alvo de investigação pela Polícia Civil, a vida de Najila foi revirada pela imprensa e pelo público, que usaram até as dívidas da modelo e o fato de ter aceitado o convite para viajar até Paris, cidade onde o atleta mora e trabalha, como justificativa para a violência que sofreu. Ela virou alvo de ameaças e piadas e o processo de estupro contra Neymar, que ainda é tratado pela imprensa como menino aos 28 anos, foi arquivado.

Cristiano Ronaldo, atleta que defende a seleção portuguesa de futebol, também foi denunciado por estupro. Em 2018, a modelo americana Kathryn Mayorga tentou invalidar um acordo feito com o atleta em 2009, onde os advogados do jogador ofereceram dinheiro para encerrar a polêmica, evitando problemas para a imagem do craque. Kathryn alegou que a equipe de defesa se aproveitou do seu frágil estado emocional para convencê-la a assinar. Em resposta, Ronaldo incluiu através de seus advogados acusações de extorsão no processo, alegando falta de provas da incapacidade da modelo na assinatura do contrato sobre o ocorrido em um hotel em Las Vegas. Por falta de evidências, o atleta não foi acusado.

Robinho também foi condenado.¹⁴ A Justiça Italiana pedia nove anos de prisão para o jogador, pelo estupro coletivo de uma jovem em 2013, realizado em uma boate de Milão com outros cinco brasileiros. Na época da condenação, a diretoria do Atlético-MG, clube onde atuava, disse que não comentaria o caso por se tratar de uma questão pessoal do jogador. Campanhas foram iniciadas nos campos, na porta do clube e nas redes sociais contra a permanência de um jogador acusado de estupro. Amigos e torcedores defenderam o atleta, piadas com o caso também viralizaram nas redes sociais, promovidas até por humoristas

¹⁴ Hora de meter a colher: 10 atletas acusados de agressão que foram poupados. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/listas/hora-de-meter-a-colher-10-atletas-que-agrediram-mulheres-e-foram-poupados.htm>

famosos, atingindo inclusive os adversários do Atlético Mineiro, apontados como as únicas vítimas reais de violência sexual da parte do jogador.

Juninho, atacante do Sport, assiste as propostas de outros clubes virarem desinteresse diante do seu histórico. Em 2018, o Corinthians negociava a mudança do atleta de Recife para São Paulo, mas recebeu mensagens da torcida e até de fãs de outros clubes nas redes sociais que repudiavam a contratação do jogador que constantemente é notícia por violência contra a mulher. O time paulista publicou nota informando aos torcedores e a imprensa sobre a desistência, reforçando o compromisso no enfrentamento da violência.

Dhalia Araújo, ex-noiva de Juninho, já tinha na época conquistado medida protetiva depois de denunciar o atleta que a ameaçou de morte para proteger a própria carreira. A vítima conta que recebeu dez murros e o jogador procurava por uma faca porque sabia que ela chamaria a polícia. Ele foi indiciado por agressão, ameaça e injúria. O Sport repudiou as atitudes do jogador, mas se comprometeu a prestar a assistência necessária.

As acusações de Juninho impediram que o atleta mudasse de clube, mas não significaram o fim da sua passagem pelo Sport. Nem de sua carreira. A proteção do time mascara atitudes criminosas, mas a mensagem que fica é a da impunidade. Existe até mesmo uma certa recompensa para o jogador, tratado de maneira infantilizada: ele pode errar, é “cria da base”¹⁵ e o time segue disponível para prestar apoio.

Por outro lado, a ajuda que Juninho recebe não é a mesma que Dhalia encontra. Ressocializar o jogador também é importante, mas se faz necessário garantir um ambiente seguro para a vítima e a certeza de que o caso não vai se repetir com ela ou com outras, marcando presença firme no combate à violência contra a mulher. O envolvimento dos agressores na temática pode ser capaz de estabelecer uma conversa ao invés de simplesmente esquecer a existência das acusações. No final de 2019, Juninho se envolveu novamente em uma ocorrência policial. O atacante do Sport teria sacado uma arma dentro de uma boate e precisou ser retirado do local, ele justificou a reação porque um homem teria agido de modo deselegante com a mulher que o acompanhava.

A reação do Sport em demonstrar preocupação com a recuperação social do jogador é um argumento válido, visto que a vulnerabilidade social, educacional e a violência estão presentes na infância de muitos atletas. Na atualidade, o mundo do esporte explode em denúncias de abuso nas categorias de base de diferentes modalidades, atingindo meninos e meninas.

¹⁵ Jogador que iniciou a carreira no clube, passando do juvenil para o profissional.

O goleiro Jean, que ganhou fama defendendo o São Paulo, retornou ao futebol depois de ter seu contrato suspenso por agredir a ex-mulher¹⁶ em viagem de férias nos Estados Unidos com as filhas do casal em dezembro de 2019. Na ocasião, o atleta foi preso, mas a promotoria do Estado da Flórida decidiu por arquivar o caso. Milena Bemfica, a vítima, relatou as agressões em sua conta na rede social Instagram, mostrando os machucados em seu rosto e contando sobre a denúncia que fez ainda durante a viagem. Jean não negou a existência de violência, mas chegou a publicar um vídeo de 38 minutos em sua conta na mesma rede social onde se explica sobre os fatos.

Ele justifica o ocorrido atribuindo culpa para a ex-esposa e chega a pedir desculpas para as mulheres, por ser pai de duas meninas e não se considerar uma pessoa agressiva. No vídeo, o atleta tenta explicar a declaração que deu para Milena, acusando-a de acabar com a carreira dele e de ser responsável se as filhas do casal passarem fome no futuro. Jean classifica a ex como uma mulher ciumenta, que não aceitava o fim do relacionamento, ameaçava seus amigos e familiares e teria tentando seduzi-lo durante a viagem – onde já se encontrava comprometido com outra pessoa – e filmar o flagra com um *tablet*. O atleta mostra no vídeo áudios de Milena e reclama de seu comportamento agressivo.

Jean conta que eles se agrediram na disputa pelo *tablet*. O boletim de ocorrência feito na Flórida registra que Milena recebeu oito socos e apresentava inchaços e marcas roxas. O goleiro tinha um hematoma na cabeça, região onde a ex-esposa relatou ter quebrado uma chapinha, em um ato que a polícia considerou de legítima defesa, descartando a prisão dela.¹⁷ Agora, o jogador atua no Atlético Goianiense¹⁸ até o final de 2020, emprestado pela equipe paulista. Em coletiva de imprensa na sua apresentação, reafirmou as declarações do vídeo: o incidente foi resultado de uma briga de casal, o atleta diz que não é a pessoa que tentam fazer dele e respeita mulheres.

¹⁶ Ex-mulher de Jean posta novas fotos de agressão e diz que filhas a ajudaram. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/02/14/mulher-goleiro-jean-agressao.htm>

¹⁷ B.O. relata oito socos de Jean em mulher e chapinha quebrada na cabeça dele. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/12/18/bo-relata-oito-socos-de-jean-em-mulher-e-chapinha-quebrada-na-cabeca-dele.htm>

¹⁸ Técnico confirma, e goleiro Jean vai estreiar como titular no Atlético-GO. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/02/19/tecnico-confirma-e-goleiro-jean-vai-estreiar-como-titular-no-atletico-go.htm>

2.4 Caso Eliza Samudio

Bruno, que foi goleiro do Flamengo, está envolvido em um dos casos mais emblemáticos de crimes cometidos por atletas famosos. Ele já era um ídolo quando começou o relacionamento com a modelo Eliza Samudio, em 2009, ano em que o jornal Extra divulgou o relato da ameaça de morte que ela recebeu do então namorado. Bruno era titular, já havia marcado gols e conquistado o tricampeonato pelo clube. Contava com a reverência dedicada aos campeões. Quando o amigo Adriano Imperador brigou com a ex-noiva Joana Machado, na favela da Chatuba, defendeu o colega com a frase “quem nunca saiu na mão com a mulher?”

Em outubro de 2009, Eliza prestou queixa à polícia. Contou que foi mantida em cárcere privado, espancada e forçada a tomar substâncias abortivas. Os exames periciais só foram concluídos em julho de 2010. Na época, seu desaparecimento já era considerado homicídio. A juíza Ana Paula Delduque Migueis Laviola de Freitas, argumentou que Eliza e Bruno não tinham um relacionamento e que a modelo tentava punir o jogador e banalizar a finalidade da Lei Maria da Penha, em resposta ao pedido de proteção. A Juíza ainda afirmou que a lei: "tem como meta a proteção da família, seja ela proveniente de união estável ou do casamento, bem como objetiva a proteção da mulher na relação afetiva, e não na relação puramente de caráter eventual e sexual", ignorando que Eliza estava grávida de cinco meses.¹⁹

Quando Bruno foi preso durante a investigação, a presidente do Flamengo anunciou sua demissão por justa causa (o que não se cumpriu até o final do ano) e a Olympikus, marca fornecedora de material esportivo, suspendeu o contrato de patrocínio até a conclusão da investigação.

O corpo de Eliza nunca foi encontrado, mas sua reputação também foi assassinada pela imprensa e pelo público. Toda a curiosidade despertada pelo caso revirou o passado e a vida de Samudio, criando narrativas que justificariam a violência que sofreu, culpabilizando-a. Os argumentos iam desde o período que viveu na prostituição até o envolvimento com o jogador, na época casado. Tal construção pode ser compreendida através de Ramires (2017, p. 58)

É imprescindível lembrar que no recorte sobre a realidade, a mídia selecionará o que será ou não noticiado. Nesse processo de seleção e divulgação das notícias, a imprensa constrói uma noção de mundo que nem sempre remete à realidade.

¹⁹ Juíza diz porque não aplicou Maria da Penha a Bruno. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2010-jul-13/juiza-porque-nao-aplicou-lei-maria-penha-bruno>

As peculiaridades do assassinato, cometido por uma figura pública em destaque no maior clube do Brasil, o motivo torpe e a existência de uma criança enfrentando essa situação, aproximam o caso dos efeitos midiáticos produzidos no assassinato de Nicole Brown: o contexto e o espetáculo em si importavam mais do que o crime.²⁰

Sem respeitar a dor da família e a memória da vítima, as narrativas sobre o passado de Eliza faziam parte de uma construção que pouco importava para a conclusão do caso de feminicídio, mas tornar isso notícia desviava a atenção do público do fato em si para as fofocas construídas.

Os limites da liberdade de imprensa precisam, então, se atentar ao sofrimento das vítimas, evitando que o furo jornalístico se sobreponha diante do compromisso com a apuração da verdade, alcançando a barbárie. Eliza foi vítima, também, de um assassinato da sua imagem e reputação, quando a mídia passou a ignorar o crime em si e resolveu revirar a vida da modelo, evidenciando que Samudio era amante de Bruno, tinha se relacionado com outros atletas famosos, sofreu abusos na infância e foi prostituta e atriz pornô no passado.

Assim, se fabricava um sentido que pouco dizia respeito ao caso, classificando-a para a opinião pública como uma pessoa interesseira, retirando seu status de vítima e produzindo justificativas para o crime que sofreu. Tal construção conduz a opinião do público, direcionada, então, a acreditar na inversão dos papéis: onde talvez o atleta e ídolo seria a vítima do caso e a denunciante estava tentando prejudicá-lo.

Ainda na prisão, o Montes Claro, o Boa Esporte e o Poços de Caldas foram alguns dos times que demonstraram interesse pelo jogador. Apesar dos protestos diante da possibilidade de contratação do goleiro, Bruno também recebeu carinho da torcida: seu nome foi gritado nos estádios onde foi liberado para jogar e até crianças o procuravam para tirar fotos. A fama não foi completamente apagada com o seu envolvimento em um caso de assassinato. Assim, se compreende os efeitos causados pela cobertura midiática da morte de Eliza: retratar Bruno enquanto uma possível vítima da situação, por seu *status* e dinheiro, produziu danos sociais de difícil reparação. Ele chegou a receber cartas apaixonadas na prisão e a sua participação no crime é até hoje questionada pela opinião pública, já que o corpo da modelo nunca foi encontrado.

Entender o esporte e principalmente o futebol enquanto uma paixão, estabelece uma complicação lógica de misturar o ambiente com a impunidade. No Brasil, somos ensinados

²⁰ Cronologia: entenda as etapas do caso Bruno. Disponível em: <https://www.fojeemdia.com.br/horizontes/cronologia-entenda-as-etapas-do-caso-bruno-1.448294>

desde a infância a acompanhar os times de nossos pais, a vibrar com a seleção que representa nosso país. O futebol é, também, um sonho para milhares de crianças, que enxergam os atletas de destaque como pessoas que elas amam, admiram e desejam um dia se igualar na habilidade técnica e na fama. Adquirem seus itens, suas camisas, interpretam eles em brincadeiras e torcem para um dia conseguir um autógrafo. Assim, esse ambiente envolve emoções e é responsável por produzir inspirações, portanto, precisa se afastar dos crimes e discursos de violência.

O retorno de Bruno aos campos também é enxergado pela ótica da ressocialização: se essa foi a principal profissão do atleta em sua vida antes da cadeia, ele poderia voltar a defender os times que se interessam nele.²¹ Por outro lado, é problemática a ideia de que um assassino seja ídolo no país e possa continuar a representar isso para a torcida. Apesar de Bruno se encontrar preso, ainda há diferença no tratamento que ele recebe por ser uma celebridade, quando comparado com outros agressores.

O ex-atleta já conseguiu liberação do presídio para negociar com clubes, viajar e jogar, mas Suzane von Richtofen, por exemplo, parte do caso de grande comoção nacional que foi o assassinato de seus pais, não é defendida pelo público ou pela imprensa da mesma forma, uma vez que não consegue liberação para estudar enquanto cumpre sua pena, apesar de colecionar aprovações em diversas instituições de ensino superior. No que diz respeito ao período afastado da unidade prisional, talvez Bruno precisasse dedicar mais tempo do que Suzanne, visto que a carreira de atleta profissional exige uma série de viagens e treinos, além da agenda tradicional de jogos e entrevistas.

Bruno foi contratado pela empresa J Winners Sports, com atuação internacional. Em maio, o atleta somava mais de 52 mil seguidores na rede social Instagram, o goleiro recebeu o patrocínio pela empresa de luvas Raptor. Foi autorizado a cumprir o regime semiaberto na Região dos Lagos, em Arraial do Cabo, no Rio de Janeiro, pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Bruno treina durante a quarentena, ocasionada pela pandemia do coronavírus (COVID-19), com a ajuda de um preparador de goleiros. De acordo com seu empresário, Jaime Marcelo, representante da J Winners Sports, o atleta se prepara para voltar aos campos no segundo semestre e o foco é colocar Bruno em atividade fora do Brasil, assim que possível.²²

²¹ O retorno do goleiro Bruno, entre a ressocialização e o cinismo. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/29/deportes/1567100612_158091.html

²² Goleiro Bruno fecha contrato com clube empresa e jogará segunda divisão do RJ. Disponível em: <https://istoe.com.br/goleiro-bruno-fecha-contrato-com-clube-empresa-e-jogara-segunda-divisao-do-rj/>

2.5 O esporte e crimes de proximidade contra crianças e adolescentes

O ex-goleiro Alê Montrimas narra uma série de episódios em que foi assediado por dirigentes, técnicos e preparadores ao longo da carreira. Até mesmo árbitros figuram nas denúncias do esporte. Alê luta pela proteção dos direitos dos jovens atletas, realizando um trabalho de conscientização através de palestras para os jogadores e familiares. De acordo com Montrimas, muitas estrelas consagradas já sofreram investidas e abusos. Ele defende a importância da preocupação dos clubes com a educação dos atletas formados nas categorias de base, até mesmo para protegê-los.

Em entrevista concedida ao El País, o ex-goleiro denuncia que poucos times assumem o compromisso com a educação e o combate à violência. Ele relata que crianças e adolescentes “são abordados por homens que oferecem pizza, chuteira ou 50 reais em troca de um programa sexual. Mesmo que não cometam diretamente as violações, os clubes não sabem lidar com isso.”²³ Montrimas conta sobre casos de estupro de jovens jogadores, conduzidos até pessoas poderosas com o argumento de que podem ajudar na carreira. Eles são silenciados após sofrerem violência para preservar a imagem dos times, já protegida pelo machismo e pela homofobia que também silencia as denúncias.

Até dezembro de 2018, uma ferramenta dentro do Google foi atualizada com dados de abuso sexual no esporte e tráfico de pessoas, chamada “O mapa do abuso sexual no futebol brasileiro”²⁴. A omissão da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) evidencia um problema estrutural, que afeta atletas em formação. A entidade foi denunciada na Câmara dos Deputados²⁵ por não cumprir o pacto contra abuso de crianças e adolescentes. Um dos tópicos previstos na norma era a fiscalização das escolinhas de futebol, que colecionam relatos de jovens violentados.

Em 2017, o médico Larry Nassar, responsável por atender a equipe de ginastas da seleção dos Estados Unidos, foi declarado culpado pela justiça. Ele abusou sexualmente de sete atletas, três delas eram menores de 13 anos na época. Aly Raisman, McKayla Maroney

²³ “Muitos jogadores de futebol consagrados já foram vítimas de abuso sexual”. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/27/deportes/1506468596_517639.html

²⁴ O mapa do abuso sexual no futebol brasileiro. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1vB29uoeLjrF1HKXOE9rc224Tmy4&ll=-12.946075819240239%2C-53.92310241596675&z=5>

²⁵ CBF não cumpre pacto contra abuso de crianças e adolescentes nos clubes esportivos, apontam deputados. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/copy_of_cbf-nao-cumpre-pacto-contrabusodecriancas-e-adolescentes-nos-clubes-esportivos-apontam-deputados

e Gabby Douglas, medalhistas do esporte, romperam o silêncio sobre os abusos que sofreram na infância e na adolescência nas consultas com Nassar. A fala dessas mulheres motivou outras vítimas a procurarem a justiça para denunciar o médico, que recebeu mais de 120 denúncias.²⁶ Carvalho (2014, p. 316) aborda alguns aspectos dos crimes de proximidade.

É importante destacar que o fato de não gerarem medo individual e social, como o pânico frente a outras modalidades de crimes, como assaltos com armas, tiroteios e demais formas de violência largamente disseminadas, dá uma pista sobre a contradição a que todo crime de proximidade está sujeito: é cometido por quem deveria proteger, particularmente por laços sentimentais.

O horror causado por essas agressões afasta a sociedade e a imprensa da discussão de que elas existem e acontecem. Diante da denúncia e da condenação, o público trata o caso como uma monstruosidade, o agressor enquanto uma aberração e a proteção das vítimas é o último item do debate, quando há espaço para algum. É preciso tratar dos crimes de proximidade com os jovens e ensiná-los a buscar ajuda para romper o silêncio. Com tantas denúncias de crimes dentro e fora da prática esportiva, o trabalho permanente de combate à violência é essencial.

Para Carvalho (2014, p. 313) “Se é fato que acontecimentos dessa natureza possuem forte apelo para as coberturas jornalísticas, não são tão evidentes questões teóricas e metodológicas que envolvem as investigações dos modos como as mídias os abordam.” Alguns modos se fazem, aqui, explicativos. Não interessa para a grande parcela dos clubes brasileiros combater os preconceitos sociais, sejam eles o machismo, a homofobia ou até mesmo o racismo.

As campanhas publicitárias sustentadas pelos times prezam pela neutralidade: exibem dados, agradam a torcida, mas não adotam uma postura combativa ou educativa. Essas práticas são apoiadas (ou silenciadas) por dirigentes. E também pela imprensa esportiva, pois “embora se apresente como objetiva, a empresa de comunicação está inserida na lógica do capital e circula sentidos, construindo evidências de aparente mudanças que, na realidade, não permitem interferências na lógica do capital.” (RAMIRES, 2017, p. 66)

Partindo de um breve contexto sobre a cobertura do esporte, o tratamento que os atletas das modalidades masculinas recebem da imprensa, a violência no meio e na cobertura e os crimes de proximidade, podemos começar a falar sobre um caso emblemático do esporte a

²⁶ Abusos na ginástica: o inferno silencioso das estrelas dos Jogos do Rio. Disponível em: https://brasil.elepa.com/brasil/2017/11/22/internacional/1511378589_866282.html

nível internacional: o assassinato brutal de Ron Goldman e Nicole Brown Simpson, crime que rendeu acusação para Orenthal James Simpson, popularmente conhecido como O. J. Simpson, atleta da liga esportiva mais rentável no mundo, a *National Football League* (NFL) e ex-marido de uma das vítimas.

Muniz Sodré descreve uma análise detalhada dos produtos midiáticos da cultura de massa, para entender seu funcionamento e objetivo de acordo com o meio onde está inserido:

A finalidade aparente da informação é ordenar (ou reordenar) a experiência social do cidadão, promovendo o seu convívio com setores contingentes. A informação tem, assim, uma função política [...] Por esta razão, um produto da cultura de massa não pode ser analisado em termos puramente estéticos ou poéticos, mas também em função das intenções do sistema comunicador – definidas pela Publicidade, pelas ideologias predominantes, pelos interesses das empresas de comunicação, etc. Essa intencionalidade condiciona, mais no que da cultura elevada, as relações entre o produtor da obra e o consumidor, gerando uma mensagem bastante específica. (SODRÉ, 1972, p. 19)

A cobertura do assassinato de Nicole Brown e Ronald Goldman, assim como o resultado do julgamento, ocorrem em um cenário que extrapola o que foi traçado até aqui enquanto imprensa esportiva, abrangendo as problemáticas sociais, presentes nos mais diversos ambientes. O caso de O. J. conta com particularidades da sociedade dos Estados Unidos da década de 1990 e o contexto histórico local, que é fundamental para compreender como Simpson saiu inocentado do processo.

3 A TRAJETÓRIA DE O. J.

No processo de compreender a cobertura midiática do assassinato de Nicole Brown e a maneira que ela foi retratada, é preciso abordar a vida do ex-atleta de futebol americano e principal suspeito do caso. Em um registro recente, o documentário lançado em 2016 e premiado com o Oscar da categoria, “O. J.: Made in America”, é um produto de 467 minutos de duração que narra a história do jogador, apresenta depoimentos e cenas importantes para esse retrato.

José Luiz Braga (2006, p. 47) defende em sua obra que as práticas midiáticas recebem destaque também por seu trabalho crítico, confrontando as produções de sentido provocadas pelo caso de O. J., que

além dos objetivos de análise, de busca de conhecimento, de desvendamento das lógicas de um produto (ou de gênero, ou de um processo) - tende a exercer uma função geral de desenvolvimento de competências de interação na sociedade, no que se refere aos materiais e processos midiáticos que essa sociedade gera, faz circular e usa para os mais diferentes propósitos.

Orenthal James Simpson é um atleta negro nascido em 1947. Dedicou-se ao futebol americano, onde no ensino médio já era considerado um jogador de excelente qualidade. Ganhou uma bolsa de estudos na Universidade do Sul da Califórnia (USC), sua atuação de destaque fez da instituição uma das favoritas no esporte, engajando os torcedores e mobilizando a presença deles no estádio. Tal histórico fez de O. J. a primeira escolha da primeira rodada do draft²⁷ de 1969 da NFL, a principal liga do futebol americano. Ele foi selecionado para jogar no Buffalo Bills, onde ficou até 1977, depois migrou para o San Francisco 49ers de 1978 até 1979, quando se aposentou do esporte.

O auge da carreira do esportista coincide com a luta dos afro-americanos por direitos civis. Em Los Angeles, especificamente, onde O. J. firmou residência depois de sua aposentadoria e foi julgado por duplo homicídio, todos os cargos de comando da polícia eram ocupados por homens brancos, que colocavam em prática abordagens de pouco diálogo e brutalidade exagerada. A diferença entre a Los Angeles de O. J. e dos demais negros é explicada através de Amaral (2006, p. 23)

As notícias não emergem naturalmente do mundo real para o papel, não são o reflexo do que acontece. São um discurso sobre o mundo, redigidas com

²⁷ Método de escolha de jogadores pelos times da liga.

base em formas narrativas, pautadas por símbolos, estereótipos, clichês e metáforas. Além disso, muitos fatores interferem na produção de uma notícia, que vão desde o posicionamento do jornal, o empenho do jornalista, as pressões do tempo, os constrangimentos organizacionais, as pressões políticas e econômicas, o status das fontes e o contexto cultural e econômico do público-alvo, entre outros.

Enquanto O. J. defendia a USC, ambiente frequentado pelas elites, a convivência com outros negros era praticamente inexistente. Lá ele circulava pelos corredores, interagia com os demais estudantes e conversava sobre os jogos, apesar do seu status de celebridade em ascensão. Para ele, o ambiente nunca foi racialmente hostil.

Paralelamente, Muhammad Ali, consagrava-se como o primeiro atleta a aliar esporte e política. Na década de 1960, recusou-se a lutar na Guerra do Vietnã. Seu posicionamento era baseado na defesa que fazia dos direitos humanos: o pugilista não via sentido vestir um uniforme para maltratar um povo em nome de interesses capitalistas, enquanto a população negra nos Estados Unidos era privada de uma série de direitos básicos. Tal decisão custou muito para Ali e para todos os outros que se somaram a ele, inspirados em nomes como Malcolm X e Martin Luther King. Os atletas ativistas que apontavam a discriminação sofreram com cortes de patrocínio e outras complicações na carreira.

Ana Rosa Ferreira Dias evidencia em sua obra de 2008 os efeitos e as consequências desse racismo institucional, colocando a violência como um conflito que também possui caráter social e político, diante de dominações e antagonismos sociais. Para a autora, "o discurso da violência é a linguagem que o leitor quer ler, porque corresponde ao eco de suas palavras". Assim, para ela,

grande parte das atenções sobre violência se concentra na criminalidade e seus efeitos [...] talvez porque os danos materiais e físicos sejam mais visíveis. Contudo, há outras modalidades de violência que acarretam prejuízos igualmente graves (danos às crenças e costumes, morais e psicológicos) e que se referem a estados de violência. (DIAS, 2008, p. 103)

Para os Jogos Olímpicos de 1968, O. J. foi convidado a integrar um grupo de boicote, que passava uma mensagem de aproximação do movimento negro da pauta de direitos humanos. Na época, Simpson já era uma figura importante: tratava-se do maior nome dentro do esporte universitário e detentor do recorde mundial em atletismo. Ele recusou o convite com a resposta "eu não sou negro, eu sou O. J.", evidenciando o seu distanciamento da pauta.

Robert Lipsyte, repórter do The New York Times conta que quando conheceu o atleta ouviu uma mulher branca em uma mesa próxima dizer "ali está O. J. sentado com todos

aqueles *niggas*²⁸”, ao que reage, consternado, perguntando se a situação ofensiva foi terrível para o colega, que responde “não, isso foi ótimo! Não entendeu? Ela sabia que eu não era preto, ela me viu como O. J.”

Em 1973, O. J. se tornou o primeiro jogador a correr mais de duas mil jardas em uma temporada, foi considerado o maior corredor do esporte por quatro temporadas, também registrando a marca de correr mais de 200 jardas em 6 jogos. Seu rosto estampou propaganda de marcas como Chevrolet e Hertz. Para a primeira, a estratégia adotada foi de conquistar a simpatia da população negra sem desagradar os brancos, público que também adorava O. J.

A exposição midiática do atleta na imprensa e na publicidade vai de encontro ao que Ramires (2017) afirma ao tratar da verdade – absoluta e incontestada, enquanto o discurso de sucesso é tomado pelo público, que passa a compreender como um passo a ser seguido, uma receita.

Com a Hertz, a frase “corra O. J., corra”, ficou marcada para os americanos e foi amplamente reproduzida após o assassinato de Nicole. Na campanha, crianças e idosos brancos gritavam e torciam por O. J. Ele correspondia a uma representação de sucesso, longe de qualquer questão racial. Sansone (2003, p.135-136) traduz bem o lugar ocupado por Simpson

A manipulação e o sincretismo, bem como as tentativas de negociar um lugar para a expressão cultural negra na indústria da cultura, resultaram numa alienação dos negros e na fabricação de expressões artificiais da negritude, criadas para atender expectativas e desejos dos brancos.

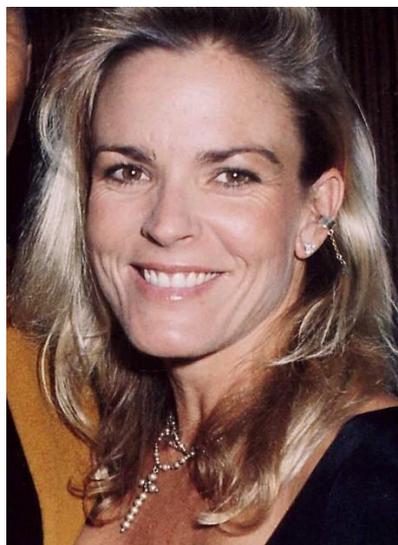
Apagar a raça como um fator definitivo de sua carreira é a expressão responsável pela aceitação de O. J. e de tantos outros atletas negros pelo público. Evidenciar atitudes racistas e combater o racismo são atitudes políticas que desagradam parte do público e da imprensa, que prefere o silêncio e o conforto dentro do entretenimento. A problemática é que para atender esses desejos e criar a imagem passível de aceitação, várias pessoas negras são silenciadas, sacrificam suas carreiras e se prejudicam para permitir que pessoas com discursos iguais aos de O. J. tenham sucesso.

No bairro onde O. J. cresceu, seus amigos de infância relatam que era comum encontrar cafetões espancando prostitutas na rua, como forma de passar alguma mensagem de

²⁸ O Cambridge Dictionary define a palavra como “an extremely offensive word for a black person”, em tradução seria “uma palavra extremamente ofensiva para uma pessoa negra”, a expressão é um insulto racista. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/nigger>

dominação e poder. Quando conheceu Nicole, O. J. era casado com Marguerite, mulher negra com quem teve três filhos.

Figura 1 – Nicole Brown Simpson



Fonte: The People vs O. J. Simpson Wikia

O tratamento que as mulheres recebem ecoa de forma igual dentro da imprensa e para o público enquanto sociedade, como é possível acompanhar de forma mais agressiva em editoriais de comportamento, por exemplo. Aqui, o argumento de Dias (2008, p. 146) problematiza o retrato das mulheres enquanto itens de descarte ou de desejo.

delinea-se um tratamento injusto e pouco sensível para as relações entre os sexos, em que a mulher aparece claramente como objeto, valorizado em função da beleza de seu corpo. A sexualização do discurso marca inequivocamente um aspecto do estado de violência pela desigualdade com que é tratada a mulher.

Após o primeiro encontro, Nicole confessou a David LeBon que O. J. agiu de forma agressiva, quando chegou em casa de madrugada com a calça rasgada. Ela pediu que o amigo ficasse calmo porque estava gostando do ex-atleta. Passado o ocorrido, Simpson ofereceu um apartamento e um carro para Nicole que na época era recém-formada no Ensino Médio e tinha apenas 18 anos. O comportamento é compatível com a problemática levantada por Carvalho ao descrever os crimes de passionalidade:

Quase sempre está associada às hierarquizações derivadas das relações de gênero em sociedades machistas e misóginas, nas quais prevalecem pressuposições da superioridade masculina sobre as mulheres, incluindo

suposta condição de submissão sexual e menor força física, que as tornaria vítimas mais fáceis. [...] Apontam para a necessidade de questionamentos, por exemplo, sobre o próprio significado historicamente atribuído aos crimes passionais, na maioria das vezes esvaziado da sua historicidade, ou em outros termos, da sua íntima conexão com as questões de gênero. (CARVALHO, 2014, p. 316).

A mensagem central do documentário é estabelecer que O. J. não é uma criação apenas do próprio atleta, mas de toda a sociedade da época e de todos os sacrifícios dos afro-americanos enquanto o *running back*²⁹ alcança sucesso dentro e fora das quadras, passando a ocupar círculos sociais importantes, predominantemente frequentado por homens brancos, poderosos e empreendedores.

O. J. escolheu a cidade de Los Angeles para fixar residência após a sua aposentadoria. Ele mora em um bairro rico e tranquilo, distante das tensões policiais e raciais, mas é na mesma cidade onde Eulia May Love foi assassinada pela polícia no gramado da própria casa por uma conta de gás, em 1979. A agressão policial sofrida por Rodney King em 1991 também repercutiu nacionalmente: todos os policiais envolvidos no espancamento voltaram para seus batalhões, para suas casas, sem registrar que viram algo de errado e foram inocentados do processo.

Latasha Harlins, uma adolescente, foi assassinada também em 1991 enquanto comprava suco na loja de Soon Ja Du, carregando o dinheiro em uma mão e o produto na outra. A proprietária efetuou os disparos pelas costas da jovem, sua punição foi cumprir horas de serviço comunitário. Enquanto isso, na mansão de O. J., o atleta foi recepcionado em sua mudança para a cidade por policiais que solicitavam autógrafos, aos quais ele atendia, cultivando a imagem de figura prestativa e amável. Esse bom relacionamento durou anos, impactando, inclusive, as denúncias frequentes que Nicole fazia de violência doméstica.

²⁹ Posição de jogador predominantemente ágil dentro do esporte, que realiza passes e eventuais bloqueios entre as corridas.

4 AS VIOLÊNCIAS QUE NICOLE SOFREU

A forma que a carreira de O. J. se desenvolveu, principalmente depois da aposentadoria do esporte, colocava o atleta como parte da bandeira dos Estados Unidos da época. O ex-jogador representava o patriotismo e reforçava o discurso do esforço individual enquanto ferramenta para chegar mais longe, em uma lógica meritocrática, desenhando um forte retrato em defesa do capitalismo estadunidense, sustentado em sua essência também pelo patriarcado e o machismo.

Nicole foi a segunda esposa de O. J., a diferença de idade entre o casal e o início do relacionamento enquanto ele era casado com outra pessoa não foi analisado pela imprensa ou pelo público como um depoimento contra o atleta, mas colaborava na construção de ataques que atingiam Nicole, retratada como uma mulher interesseira e golpista.

O. J. foi infiel não só com Marguerite, sua primeira esposa, mas também constantemente com Nicole. Ainda assim, após o assassinato, a presença de Ronald Goldman³⁰ em sua casa foi retratada na mídia como uma infidelidade contra o ex-atleta, interpretada enquanto a possível motivação para o crime por ciúmes³¹, apesar de estarem divorciados. Na busca por um suspeito ou para atacar a imagem de Nicole, seus relacionamentos viraram foco da imprensa também, enfatizando a proximidade de quem ela se relacionou com seu ex-marido, porque tratavam-se de conhecidos do O. J., pessoas do meio esportivo.

Entender o caso enquanto um crime de proximidade não deve significar criar justificativas para a motivação do assassinato. Assim, se produz um sentido nocivo, que responsabiliza a vítima diante da tragédia que sofreu. Ronald Goldman é até hoje descrito enquanto namorado ou amante³² de Nicole para a imprensa internacional diante da narrativa criada, mas as famílias nunca falaram sobre qualquer envolvimento entre eles e há amigos

³⁰ Família de vítima quer indenização por livro de O. J. Simpson. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2006-dez-21/familia_vitima_indenizacao_oj_simpson

³¹ O. J. matou por ciúme, diz acusação. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/25/mundo/1.html>

³² O.J. Simpson recebeu quase 12 milhões de reais por entrevista em que fala como hipoteticamente mataria a esposa. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Celebridades/noticia/2018/03/oj-simpson-recebeu-quase-12-milhoes-de-reais-por-entrevista-em-que-fala-como-hipoteticamente-mataria-esposa.html>

que refutam publicamente³³ o suposto envolvimento.³⁴ Em entrevista antiga, publicada apenas em 2018 pela emissora Fox – que dizia ter perdido o registro por anos –, o ex-atleta admite, de início hipoteticamente, o duplo assassinato enquanto uma tragédia que aconteceu porque Charlie, seu amigo e cúmplice, vigiava Nicole³⁵ e contou o que ela estaria fazendo. Depois disso, deixando de narrar a história no ponto de hipótese, conta que a dupla usou bonés, luvas e uma faca para invadir a casa da ex-esposa de Simpson, resultando nas mortes.

Denise Brown, irmã de Nicole, descreve o casal com a seguinte frase "quando eles estavam juntos era amor, e é isso o que torna tudo tão triste". Em 1989, Nicole chamou a polícia, que a encontrou escondida nos arbustos da casa. Ela diz que O. J. vai matá-la. É possível escutar seu choro e seus gritos na gravação do telefonema enquanto é espancada. "Ele vai me matar" é uma frase constantemente utilizada por Nicole nas gravações das denúncias.

Marcia Clark, promotora do caso, também se viu enquanto parte da narrativa machista criada na cobertura do julgamento: a imprensa divulgou que ela e Chris Darden tinham um envolvimento amoroso, relatado também na série *American Crime Story: People vs. O. J. Simpson*, mas que nunca foi confirmado por nenhum dos envolvidos. Durante o caso, Márcia enfrentava um divórcio e a disputa pela guarda de seus filhos, oportunidade que sua ex-sogra aproveitou para divulgar, através da imprensa, fotos da promotora de *topless*³⁶, publicadas inicialmente no tabloide *National Enquirer*³⁷.

No decorrer do julgamento, a promotora foi criticada até mesmo pelo formato de seu cabelo, que passou por diversas transformações. Marcia chegou, também, a responder Cochran no tribunal, ofendida com os comentários do advogado, que zombava de seus problemas para conciliar a carreira dela – e conseqüentemente os compromissos que o caso exigia que ela assumisse – com a vida pessoal.

³³ How Did Nicole Brown Simpson & Ronald Goldman Know Each Other? 'American Crime Story' Explores Their Horrific Murders. Disponível em: <https://www.bustle.com/articles/139416-how-did-nicole-brown-simpson-ronald-goldman-know-each-other-american-crime-story-explores-their>

³⁴ "Se eu matei, foi assim que cometi o crime...". Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/patricia-campos-mello/se-eu-matei-foi-assim-que-cometi-o-crime/>

³⁵ O.J. Simpson "confessa" morte de ex-mulher e amigo em entrevista. Disponível em: <https://noticias.r7.com/oj-simpson-confessa-morte-de-ex-mulher-e-amigo-em-entrevista-12032018>

³⁶ Termo da língua inglesa que significa sem a parte de cima da roupa, sem o top, sem peça que recubra o tronco.

³⁷ Verdade ou ficção? Saiba o que é fato em "The People vs O.J. Simpson". Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/listas/verdade-ou-ficcao-saiba-o-que-e-fato-em-the-people-vs-oj-simpson.htm>

A solidão e o abandono enfrentados por vítimas como Nicole, diante do descaso das autoridades, é abordada por Ana Rosa Ferreira Dias (2008) reconhece que, apesar da libertação progressiva que a mulher encontra nos tempos atuais, alguns estigmas permanecem e podemos reafirmá-los através da leitura de um jornal popular, onde são retratadas de maneira inferior, submissa e de humilhação dentro da comunidade. A ausência de atenção e justiça para as recorrentes violências que Nicole sofreu é, portanto, a prática cotidiana de um discurso que também está, ao seu modo, no ditado popular: em briga de marido e mulher, não se mete a colher.

Em outra ligação, ela diz "vocês já vieram aqui oito vezes, tudo o que fazem é conversar com ele, nunca fazem nada". Quando perguntada sobre a descrição do agressor, em várias ocasiões Nicole diz diretamente o nome do marido, cansada com os descasos frequentes. Existem ao menos oito relatórios de violência doméstica feitos por ela que foram arquivados, problemáticas apontadas por Carvalho (2014, p. 319) também na cobertura da imprensa

No caso das narrativas jornalísticas, a quem é dada voz para dizer sobre os crimes de proximidade. Por exemplo, as leituras até o momento feitas das narrativas coletadas indicam que antes da violência física, quase sempre radicalizada no assassinato, há violências simbólicas, como ameaças, que se levadas a sério por autoridades policiais, poderiam evitar o desfecho trágico.

Em carta, Nicole Brown conta detalhes da primeira vez que foi espancada: ele batia, chutava e chegou a atirá-la no chão. Passou horas agredindo-a enquanto ela tentava rastejar até a porta. Em 1986, fingiu um acidente de bicicleta para ser atendida no hospital após as agressões. Foi atirada na parede e no chão em 1988 porque um homem gay beijou a bochecha de seu filho. Quando Nicole e O. J. estavam separados, em 1993, ele invadiu a casa dela aos gritos, ofendendo-a por ter um novo relacionamento. Na ligação para a polícia, ela implora "isso tudo de novo, vocês podem por favor mandar alguém pra cá?"

Assim como o histórico de agressões policiais diz muito sobre a polícia de Los Angeles, o sofrimento de Nicole também fala sobre um sistema de silenciamento para acobertar aqueles que tem poder, praticado, aqui, pela polícia e pela imprensa. Eni Orlandi inicia a sua obra afirmando que “estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar” (2012, p. 9), consideração que se aplica às negligências que culminaram no assassinato de uma mulher.

Por espancar a esposa, O. J. cumpriu 120 horas de serviço comunitário. Ele usou esse tempo para promover um torneio de golfe para celebridades. Em 22 de maio de 1994, o casal

estava definitivamente separado, depois de diversas tentativas de reconciliação onde Nicole tentava manter os filhos próximos do pai, eles se divorciaram oficialmente.

Aqui, também cabe pontuar o que o discurso da violência significa dentro desse caso em especial, tanto para as mulheres como para os afro-americanos do contexto, que vibraram com a inocência de Simpson. Ambos sofrem, ao mesmo tempo, o impacto das duas memórias, do que normaliza e do que silencia, como apontado por Orlandi (2012, p. 10)

Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro.

Em 13 de junho de 1994, Nicole e Ronald já estavam mortos. Na área externa da residência de Brown foi encontrada uma luva da mão esquerda, acompanhada por uma trilha de sangue no chão, indicando que o suspeito estava ferido do lado esquerdo. Os filhos deles dormiam dentro da casa e o parente mais próximo para receber o aviso era justamente quem se tornaria o principal suspeito no caso: O. J. Simpson, o pai das crianças e ex-marido de Nicole.

Nessa altura, já podemos compreender a partir do momento das mortes como a imprensa operou diante do desenrolar do caso, atropelando princípios éticos e da informação desde o início, como é revelado através da obra de Braga (2006, p. 157)

A própria raridade da ocorrência (com suas características específicas) leva a um trabalho de cobertura jornalística para a qual não existem rotinas e padrões estabelecidos – o processo se torna mais tentativo e variado, ocorrem mais equívocos de tratamento e mais experimentação.

Estacionado nos fundos da casa de O. J. estava o seu carro, um Bronco branco, com marcas de sangue na maçaneta do lado do motorista. Por trás dos bangalôs da residência encontraram a luva direita do par, correspondente ao modelo achado na cena do crime, fazendo do endereço um alvo da investigação. Kato Kaelin, colega de Simpson que estava hospedado em uma das casas da propriedade, disse que O. J. estava em Chicago. No dia seguinte, o ex-atleta foi preso ao chegar em casa.

Simpson apresentava um machucado na mão esquerda e deu versões diferentes sobre o ocorrido. Disse que não sabia como tinha se ferido, depois alegou que se machucou quebrando um copo em Chicago, após receber uma ligação da polícia. Para os amigos,

também tinha outras explicações: se cortou ao pegar o celular no carro e que se machucou durante uma partida de golfe. Apesar da inconsistência, os policiais coletaram sangue de O. J., uma foto de sua mão e o deixaram ir.

Para Marcia Clark, promotora do caso, ignorar o histórico de denúncias que Nicole fez contra Simpson evidenciava que O. J. recebeu tratamento diferenciado por ser uma celebridade. Como os ídolos recebem de maneira geral, o que vai de encontro ao pensamento de Dias (2008, p. 174) sobre os efeitos dos discursos na sociedade, que "pode levar ao sensacionalismo e daí à sua consequência mais danosa, ou seja, a banalização da imagem da violência, integrando-a no dia-a-dia da vida urbana".

Apesar das constantes denúncias de Nicole, de ser uma mulher branca e de ter independência a ponto de viver em outra casa, seus privilégios de raça e de classe não a colocavam acima da fama ou do dinheiro quando comparada com O. J. Ainda de acordo com Dias (2008, p. 149) "pode-se concluir que a própria mulher, com frequência, aceita, por comodismo ou falta de condições para lutar, o estado de violência que a situa [...] como inferior ao homem, negando-lhe a possibilidade de discutir seus direitos, apenas por ser mulher". No caso da vítima em questão, existiram muitas tentativas, mas ela foi silenciada pela imprensa e pela polícia local.

Havia sangue dentro do Bronco e da casa do ex-atleta. Ron Shipp, policial de Los Angeles na época, conhecia O. J. desde antes dos assassinatos e afirma que Simpson confidenciou a ele o motivo de se recusar a fazer o teste do polígrafo: porque pensara muitas vezes em matar Nicole. Mais tarde, Shipp foi convidado a colaborar com a equipe de defesa de O. J., mas resolveu não ajudar por acreditar na culpa da celebridade. A questão que atormentava a imprensa e a sociedade dos Estados Unidos é: poderia esse herói ser um assassino?

4.1 A ordem cronológica dos fatos

Em 12 de junho, os filhos de O. J. e Nicole se apresentaram na escola. Simpson esteve no evento e de lá a família de sua ex-esposa seguiu para um restaurante. O atleta lanchou no McDonald's com Kato Kaelin e foi para a sua residência em Rockingham. Nicole ligou para o local onde jantaram porque sua mãe esqueceu os óculos, então o garçom Ronald Lyle Goldman foi entregar o objeto na casa dela ao finalizar o expediente.

No intervalo de tempo entre 22h e 22h30 é o horário em que a promotora acredita que os crimes aconteceram. O. J. nunca apresentou testemunhas ou álibi sobre onde estaria no

momento, disse apenas que esperava um carro para levá-lo até o aeroporto. Os vizinhos escutam o latido do cachorro da casa às 22h15, 23h15 Simpson foi de limusine até o Aeroporto Internacional de Los Angeles, onde pegou o voo das 23h45 para Chicago, cidade que sediava o torneio de golfe da Hertz.

Após a morte de Ronald Goldman, encontraram no seu apartamento o menu, o mapa do salão e o nome do restaurante que planejava abrir dentro de pouco tempo, aspiração interrompida pela brutalidade. Nicole foi velada com um vestido preto de gola alta, porque a sequência de golpes que recebeu no pescoço quase separou a cabeça de seu corpo.

A crueldade na execução de Brown poderia sensibilizar o público, colocando as opiniões a favor de Nicole, mas "sociedades diferentes estruturam violências diferentes e cita o papel das leis, explícitas ou implícitas, dos costumes e das tradições na determinação dos limites de violência permitidos a cada sociedade em questão", de acordo com Dias (2008, p. 103). Há, no entanto, nos crimes de proximidade, a interpretação de que a punição aplicada para as vítimas corresponde a algo que ela fez por merecer, legitimando a violência. O. J. esteve no velório e ao ser questionado pela ex-sogra se tinha matado Nicole, disse que não, porque a amava muito.

4.2 A maior corrida da vida de O. J.

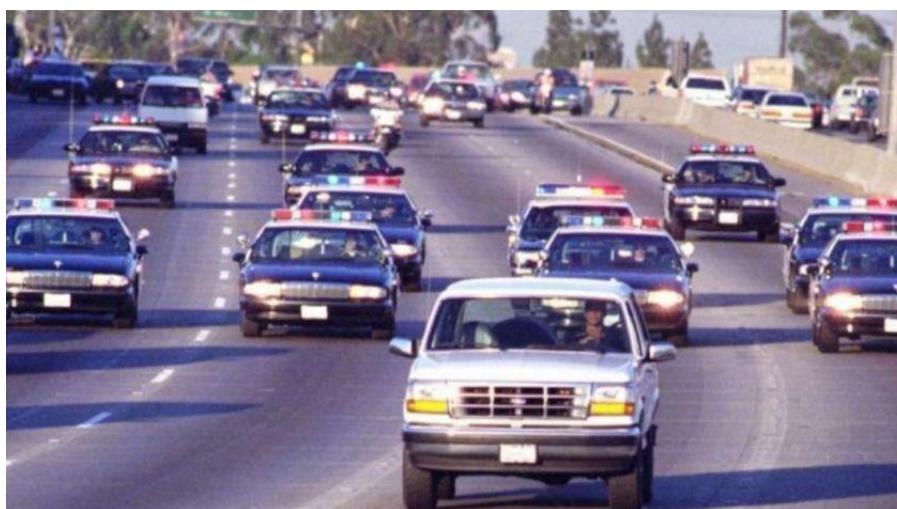
Para evitar um circo midiático, Robert Shapiro, advogado de defesa de Simpson, negociou que entregaria o ex-atleta para a polícia de Los Angeles. Tal fato nunca aconteceu: a polícia e a imprensa aguardaram o acontecimento por horas além do prazo, mas O. J. estava desaparecido. Robert Kardashian leu em rede nacional uma carta deixada por Simpson, seu amigo, onde dizia que era inocente, sempre amou Nicole e sempre amaria, evidenciando que qualquer problema existente no relacionamento deles foi porque ele a amava muito.

O tom de despedida da carta parece um bilhete de suicídio, como é revelado no trecho em O. J.: Made in America (2016):

Eu penso na minha vida e acho que tomei em maioria boas escolhas, então por que acabei nesta situação? Não dá pra continuar. Não importa o resultado, as pessoas vão olhar e apontar. Não posso passar por isso. Não posso colocar os meus filhos nisso. Não sintam pena de mim, eu tive uma vida ótima, ótimos amigos. Por favor se lembrem do O. J. verdadeiro e não dessa pessoa perdida.

Al Cowlings, apelidado de A. C., foi um grande amigo de O. J. desde os tempos de escola, que o amava e protegia. Na infância, ficou na frente de uma arma por Simpson durante uma brincadeira, onde achou que ele corria perigo. Quando a imprensa localiza o Bronco do ex-atleta em fuga, é revelado que quem dirige o carro é A. C., também é ele quem fala com a polícia e com a imprensa. Por toda a tarde a polícia acompanha O. J. em um trabalho praticamente de escolta, não havia a agressividade registrada por toda Los Angeles contra a população negra, e o país parou para assistir a cobertura do caso em tempo real.

Figura 2 – Polícia acompanha o Bronco de O. J.



Fonte: Los Angeles Times

O. J. enquanto celebridade transcendia questões de raça e cor. Nas pontes por onde o carro passava, multidões estavam com placas de “libertem O. J.”, “amamos O. J.” e “corra, O. J., corra”. As pessoas torciam por ele, vibravam como se aquela fosse sua última corrida. Mais de 95 milhões de pessoas acompanharam o caso ao vivo. Enquanto A. C. dirigia, Simpson estava no banco de trás, com uma arma na cabeça. O. J. apenas se livrou da arma de noite, na própria residência, apesar da polícia ter passado horas pedindo a ele que jogasse a arma fora. Foi nesse momento que se rendeu, sem a luz do dia e com pouca iluminação, atrapalhando a visibilidade da imprensa e do registro do ato da prisão.

A atuação da polícia estava baseada em provar para o público que agia de maneira correta, devido ao histórico de excessos na abordagem da população negra e na condução dos casos. O auto controle rendeu elogios da imprensa, uma vez que O. J. ameaçava se machucar e estava armado, mas conseguiram que ele se entregasse e ninguém ficou ferido.

Shapiro, advogado de defesa de Simpson, até chegou a abraçar os policiais, agradecendo por não terem assassinado o seu cliente.

4.3 O julgamento do assassinato de Nicole Brown e Ronald Goldman

Em 20 de junho de 1994, O. J. se declarou inocente diante da Justiça Americana, apesar do resultado positivo dos testes de DNA³⁸. A promotoria estava segura da acusação do ex-atleta porque existiam muitas provas: havia sangue das vítimas até no quarto da residência de Simpson, além disso, enxergavam consistência na motivação quando somada ao histórico de abuso doméstico, que registrava o sofrimento físico e psicológico enfrentado por Nicole.

Se tratando de um caso que envolve uma celebridade, a defesa e a acusação precisavam, então, influenciar a opinião pública. A principal testemunha da promotoria foi Mark Furhman, o policial que encontrou os corpos. Sua memória da busca era detalhada e consistente, mas seu histórico se revelou uma grande dor de cabeça para a equipe responsável, com possíveis efeitos no resultado do julgamento.

Furhman já havia estado de licença, alegando que a sua mente estava cheia de ódio por pessoas negras. Na época em que Johnny Cochran entrou para o caso, um artigo foi publicado expondo o passado racista de Mark Furhman. A compreensão de Cochran sobre a relação entre a polícia de Los Angeles e seu histórico de abusos contra a população negra é responsável por levar essa visão para o caso de O. J. Em 1995, Cochran era um famoso advogado, conhecido por atuar em defesa dos direitos das minorias, com foco na causa dos afro-americanos, grupo que também fazia parte.

Lance Ito foi o juiz designado para o caso. O julgamento ocorreria no centro, para compor um júri que fosse tecnicamente neutro, formado por negros e brancos. A estratégia não foi eficiente, diante da possibilidade do processo durar mais do que seis meses, a composição do júri não foi diversificada: dos 12 jurados, oito eram mulheres negras.

³⁸ Material que carrega a informação genética.

Figura 3 – Ilustração dos 12 jurados exibida no documentário *O. J.: Made in America*



Fonte: *O.J.: Made in America* (2016), captura de tela do documentário

O fato de O. J. conhecer Nicole enquanto era casado com uma mulher negra não gerava antipatia contra a postura de Simpson, mas contra a vítima. O consenso entre as mulheres negras também não favorecia a promotora Marcia Clark, mulher branca apontada nas pesquisas como uma pessoa dura, amarga. 75% do júri acreditava que O. J. não poderia ter cometido os assassinatos porque era um astro de futebol americano desde a época do esporte universitário. No documentário (2016), notas do ex-atleta durante o processo declaram:

É interessante a escolha do júri. Eu nunca na minha vida prestei atenção em raça. Agora me vejo numa posição em que estou contando os negros na sala. Eu nunca liguei pra quantos negros tinham na sala. Hoje eu conto os negros, conto os asiáticos. De repente, o sistema me forçou a olhar para as coisas racialmente.

Com a equipe de defesa, Simpson chegou a brincar que poderia ser responsável pelos crimes se aquele júri o condenasse. Quando Chris Darden entrou para o time de promotores, foi noticiado como o homem negro contra O. J., retratado pela imprensa como um *Uncle Tom*³⁹, o que causou grande rejeição da população negra, que simpatizava com o trabalho de Johnny Cochran.

³⁹ Expressão pejorativa, usada para se referir a negros que agem contra a própria raça em benefício das pessoas brancas.

A defesa de Simpson apoiou-se nas falhas do trato das provas para suspeitar de qualquer registro de DNA apresentado. Colocar o trabalho da polícia de Los Angeles em questão acompanhava a lógica da equipe: se as amostras ficam no poder da corporação, analisando seu histórico, qual é a confiabilidade real delas? A ideia de conspiração representava um apelo para o júri.

Com Mark Furhman testemunhando, a promotoria argumentou através de Chris Darden sobre a necessidade de deixar as acusações racistas do policial de fora do julgamento, considerando que as declarações seriam sensíveis para a imprensa e para o júri, cegando-os do caso em si e sustentando a teoria de armação, onde as pessoas acreditariam que Furhman tentou incriminar O. J.

Andrea Ford, repórter, negra, considerou extremamente ofensiva a defesa de Darden. Para ela, era possível escutar as ofensas racistas do policial e ainda assim alcançar um julgamento justo. Cochran também rebateu os comentários da promotoria e iniciou sua fala com um pedido de desculpas para todos os afro-americanos, que convivem diariamente com palavras e tratamento ofensivo. Johnny argumenta que é vergonhoso considerar duvidar da capacidade desta parcela da população de ser justa.

A presença de Cochran na equipe de defesa fez com que O. J. fosse retratado como um homem negro, apesar de se tratar de uma figura que sempre se julgou distante das questões raciais, talvez até mesmo acima. Diante da acusação e da cobertura midiática, Simpson foi se aproximando cada vez mais da imagem de personalidade negra. Quando a promotoria pediu para levar o time de jurados até a casa de Nicole, a defesa também insistiu que visitassem a residência de O. J., os promotores argumentaram que apenas o local onde a luva foi encontrado era válido para receber o júri, mas o juiz Lance Ito liberou uma visitação completa.

O agente de O. J. na época, Mike Gilbert, afirma que criaram uma ilusão na casa. Antes, a maioria das fotos encontradas na residência era de Simpson com seus colegas brancos, mas a decoração foi completamente modificada para evidenciar pessoas negras nas paredes, em uma tentativa de gerar identificação com o júri. Até o quadro “*The Problem We All Live With*”, de Norman Rockwell, foi retirado do escritório de Cochran para ser colocado no topo da escadaria da mansão. Uma estátua do atleta no gramado de entrada da casa também foi retirada, a equipe não queria transmitir a mensagem de que O. J. era alguém narcisista, egocêntrico e que cultuava sua própria personalidade.

Diante de um julgamento que recebia tanta atenção da imprensa, é possível entender o funcionamento da produção de mensagens por parte da defesa, como visto em Ramires (2017, p. 59):

Os estudos que circulam nos meios de comunicação têm evocado o papel da mídia na produção e circulação de sentidos, nos fazendo refletir sobre a atuação dos meios de comunicação na sociedade atual.

As análises do discurso midiático têm trazido para o debate as relações da mídia com a sociedade e sua inserção na lógica do capital [...] Desse modo, o discurso produzido pela mídia se insere não só na cotidianidade, mas na lógica da busca de lucro, portanto, de assuntos que atraíam público e aumentem a audiência.

Marcia Clark reclamou da encenação feita pela defesa, ao que Carl Douglas, que trabalhou no caso através da firma de Johnny, responde no documentário que também teriam feito de O. J. latino caso o júri fosse predominantemente do grupo: existiriam fotos de Simpson de *sombrero* e uma banda *mariachi* no quintal. No julgamento, os advogados usavam gravatas com cores tribais, mensagens que o próprio júri aponta como escancaradas.

Enquanto testemunha de acusação, Denise Brown, irmã de Nicole, conta das fotos que tirou da irmã após as agressões. Os registros estavam guardados em um cofre junto com seu testamento. Denise afirma que O. J. atirou Nicole contra a parede diversas vezes e a chamava de “porca gorda” depois da gravidez.

Nos registros do tribunal, Simpson evidenciava desconforto, como alguém bastante ofendido com os depoimentos, onde se vê retratado através da fúria, de ciúmes, da inveja e do desejo, como uma pessoa violenta, enquanto discorda da imagem positiva de Nicole trabalhada pela procuradoria. O. J. chega a afirmar que se a situação fosse invertida, sua esposa não passaria um dia na prisão.

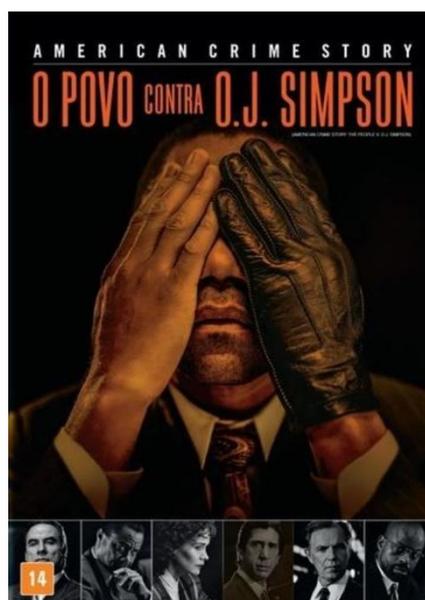
O time de defesa usou o depoimento de Ronald Shipp, policial amigo de Simpson que testemunhou por sua acusação, para passar uma mensagem para as outras testemunhas, existindo até desistências delas de participar do caso, após assistirem como foi conduzido o depoimento no tribunal. Shipp foi retratado como alcoólatra e mulherengo, atacado pelos advogados, como um exemplo de que a reputação de qualquer um seria impiedosa e publicamente destruída.

No canal 3 (Newscast) o julgamento de O. J. em dois meses recebeu mais atenção do que qualquer outro tema em um ano. O caso de Simpson esteve por 570 minutos na programação do canal, enquanto os outros assuntos populares como o Health Care e a Bósnia ocuparam 472 e 470 minutos respectivamente. Foi batizado como o julgamento do século:

mais de 150 milhões de pessoas⁴⁰ acompanharam o resultado pela televisão, quebrando recorde de momentos históricos como o funeral do presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, a chegada do homem à Lua e o antigo detentor do maior registro de audiência televisiva, o show de Elvis Presley em 1973, no Havaí.

O impacto de O. J. na cultura pop⁴¹ foi tamanho, que existe uma série de conteúdos para consumo sobre o ex-atleta com destaque para o assassinato de Nicole, entre eles: séries, filmes, livros e músicas. A relevância sobre o caso permanece atual, com produtos lançados recentemente na televisão e no streaming, recebendo prêmios e aclamação da crítica, como em *O. J.: Made in America* e *The People v. O.J. Simpson: American Crime Story*. A capa da obra remonta uma cena clássica de O. J. no julgamento, onde prova um par de luvas utilizado pelo assassino para cometer os crimes. O objeto não serve em suas mãos, comprovando, então, sua inocência.

Figura 4 – Capa da série *The People v. O.J. Simpson: American Crime Story* no Brasil



Fonte: Carrefour

Após ser declarado culpado em 2008 pela justiça americana por um assalto em Las Vegas em 2007, seu julgamento de condicional, realizado em 2017, dez anos depois do crime em questão, mobilizou 13 milhões de pessoas para acompanhar o julgamento pela televisão, que resultou na liberdade do ex-atleta.

⁴⁰ Transmissão do julgamento de O.J Simpson alcança mais de 10 milhões de pessoas. Disponível em: <https://www.bastidoresdatv.com.br/televisao/transmissao-do-julgamento-de-o-j-simpson-alcanca-mais-de-10-milhoes-de-pessoas>

⁴¹ Termo que se refere a representações artísticas de grande difusão na mídia.

O número é menor do que os 95 milhões que assistiram o desenrolar dos fatos no dia em que O. J. se entregou para a polícia, mas apontam a sua relevância e os impactos da imagem de Simpson e do crime, de muita notoriedade até os dias atuais e com capacidade para alcançar as gerações futuras pelo volume de material produzido e as figuras populares envolvidas direta e indiretamente.

Os nomes de Kris Jenner e Kim Kardashian, empresárias e personalidades da mídia em evidência com o *reality show Keeping Up with the Kardashians*⁴², são utilizados na imprensa em boatos que voltam a dar destaque para o ex-atleta. Kim é filha de Robert Kardashian, amigo pessoal de O. J., foi quem leu para a imprensa a carta do atleta no dia em que ele deveria se apresentar para as autoridades. Rumores da mídia já indicaram que Kim seria filha de Simpson, fruto de um caso com Kris. A matriarca da família chegou a homenagear a ex-esposa de O. J., sua amiga, com o batismo de sua filha, Kendall Nicole Jenner, nascida um ano após o assassinato, através do nome do meio. Kendall é, também, filha da ex-decatleta olímpica Caitlyn Jenner.

A defesa de Simpson, sustentando a tese de colocar a credibilidade da polícia de Los Angeles em cheque, argumentou que o par de luvas encontrado na casa da vítima e do suspeito com fibras, sangue e cabelo das pessoas assassinadas, poderia ter sido colocado em um saco plástico e levado até a casa do acusado, apesar de representar o fim da carreira e uma grave acusação por crime federal ao policial que se prestasse a isso.

Francis Lee Bailey foi o advogado de defesa responsável por interrogar Furhman. Na ocasião, questionou como o sangue das vítimas poderia permanecer fresco nas luvas por mais de sete horas. O policial não soube responder, mas disse acreditar que as provas não foram adulteradas.

Bailey também abordou a questão da linguagem ofensiva durante o interrogatório, perguntando se Furhman utilizava a palavra rotineiramente ou utilizou nos últimos dez anos para descrever pessoas negras, ao que o policial responde que não. O advogado questiona se ele poderia se esquecer de ter feito o uso da palavra em algum momento.

Aqui, a estratégia da defesa funcionou: o interrogatório foi da presença do sangue na luva para a suspeita crescente de que policiais brancos haviam incriminado um homem negro, aumentando essa desconfiança no júri e na população americana, que acompanhava o caso atentamente pela televisão, refletindo o pensamento de Amaral (2006, p. 52-53)

⁴² Algo como “Acompanhando as Kardashians”, em tradução livre. Programa onde exibem o dia-a-dia da família.

O jornalismo praticado no segmento popular da grande imprensa subverte essa lógica de priorizar o "interesse público". Baseia-se no entretenimento e não na informação, mistura gêneros, utiliza fontes populares e muitas vezes trata a informação de um ponto de vista tão particular e individual que, mesmo dizendo respeito a grande parte da sociedade, sua relevância se evapora. Muitas vezes, o interesse do público suplante o interesse público não em função da temática da notícia, mas pela forma como ela é editada, com base na individualização do problema, o que dá a sensação de não realização do jornalismo.

O machucado de Simpson na mão esquerda também era compatível ao que aconteceu com o suspeito na cena do crime: que se cortou, deixando um rastro de sangue pelo caminho. Essas gotas foram testadas em diferentes laboratórios e todos os resultados eram compatíveis com O. J., dentro do Bronco o sangue encontrado também era do suspeito e das vítimas. Todas as provas de DNA colocavam a culpa no ex-atleta.

Apesar do julgamento e da atenção que recebia da mídia, Simpson foi autorizado a assinar autógrafos de dentro da prisão, estratégia que gerou renda e marketing a ele, colaborando para arcar com os custos do seu time de defesa. Para simplificar a confecção dos materiais, apenas um pedaço de tecido de cada peça era entregue para que O. J. assinasse. Depois de recolhido, costurava-se o retalho autografado em objetos como bolas e camisas. Mesmo preso, ele vendia cerca de 3 milhões de dólares em autógrafos.

4.4 Os erros da acusação

O perito Fung revelou no julgamento uma série de métodos terríveis de coleta utilizados pela equipe de perícia. No envelope que Ron devolveria para Nicole havia uma marca parcial de pegada, mas recolheram o documento sem usar luvas. A ideia de contaminação das provas colaborava com a tese de incriminação da defesa, o que destruiu aspectos preciosos da argumentação da acusação, baseada no grande volume de DNA encontrado.

Na cena do crime, um dos detetives do caso utilizou um cobertor encontrado dentro da casa para cobrir o corpo de Nicole. É regra básica para a perícia evitar a qualquer custo utilizar objetos com muito cabelo ou fibras, porque pode atrapalhar a investigação: o que de fato aconteceu. Os peritos não trocaram as luvas durante a coleta de amostras diferentes e o sangue colhido de O. J. foi levado até a cena do crime para ser entregue ao criminalista responsável, algo fora de protocolo. A maneira que as provas foram colhidas, processadas e armazenadas serviu para levantar ainda mais dúvidas sobre a existência de erros no processo.

O par de luvas de couro era um produto de tamanho extragrande, exclusivo da loja Bloomingdales. De acordo com o depoimento da representante da marca, Nicole comprou esse par para presentear O. J., aquisição registrada em seu cartão de crédito. Chris Darden insiste para que Simpson prove a luva no julgamento diante do júri, depois de ser procurado pela defesa, que diz que testará o objeto caso a promotoria não o faça.

Os demais promotores discordaram da estratégia de Darden, mas ele seguiu em frente, com receio da possível estratégia da defesa. Então, O. J. prova o par com luvas de látex por baixo, demonstrando dificuldade, em uma explicação clara para o júri e para todo o público de que elas não servem. Ainda assim, o ex-atleta aparenta se esforçar para vestir as duas luvas, produzindo uma das cenas mais emblemáticas do julgamento, onde chega até a tentar mexer os dedos por baixo do couro, sem sucesso. Isso demonstrava, também, que mesmo se tentasse utilizar as luvas para cometer o crime, não conseguiria atingir a mobilidade e a força suficiente que foi empregada nos golpes de faca que assassinaram Ron e Nicole.

A partir desse registro, tornava-se ainda mais difícil que a promotoria conseguisse minimizar o poder dessa imagem. Tratava-se de Simpson provando para todo o país que as luvas do assassino não serviam nele, logo, ele não poderia ser o culpado. Em O. J.: Made in America, o agente do acusado revela ter aconselhado-o a parar de tomar seu remédio para artrite, o que dificultaria a prova da luva, já que o ex-atleta sentiria muitas dores ao tentar dobrar os dedos, quase insuportáveis. Estaria, então, praticamente impossibilitado. Na imagem, as luvas estão justas e não chegam a se aproximar do limite entre os dedos, porque não alcançam a base das mãos.

Figura 5 – O. J. Simpson no tribunal mostrando que as luvas não servem



Fonte: O.J.: Made in America (2016), captura de tela do documentário

Outra grande decepção para a promotoria foi a revelação das fitas de um documentário onde Mark Furhman falava do seu passado na polícia de Los Angeles, onde não só utilizava a palavra racista, comprovando que mentiu no depoimento, como contava das mais de 66 alegações de brutalidade e tortura em seu histórico. Mark chega a dizer que podia matar pessoas e escapar sem punição. Com o surgimento das fitas, a família de Ronald Goldman se incomoda por acreditar que o julgamento se tornou sobre a polícia e Mark Furhman, perdendo o foco dos assassinatos.

Para Ana Rosa Ferreira Dias, "notícias sobre o crime e a marginalidade, sobre sexo, sobre violência e desigualdade social conduzem facilmente à revolta e a uma linguagem exacerbada do ponto de vista afetivo" (2008, p. 92), o encontro de diversos elementos envolvendo o caso e seu contexto justificam o acompanhamento religioso que a opinião pública dedicou ao julgamento e os efeitos do caso no júri.

Por outro lado, a imprensa estadunidense também tratou Ronald Goldman como um possível amante de Nicole, que recebeu uma série de rótulos apesar de não se relacionar mais com O. J. há meses, tratamento que não foi dado ao ex-atleta quando ainda casado se relacionava com outras mulheres, o que também fazia enquanto esteve com Brown, evidenciando, também, o machismo ao relatar o caso.

Segundo a obra de Dias (2008, p. 93) "são, também, notórios [...] os preconceitos contra a mulher (em especial, a artista, a prostituta, a adúltera), o homossexual, os comportamentos sexuais de exceção, e esses preconceitos vêm ao encontro do que pensa o tipo de leitor".

Figura 6 – Capa da revista Star sobre Nicole



Fonte: Recollecting Nicole

Marcia Clark menciona no julgamento uma charge de jornal publicada na época, onde uma criança pergunta para a sua mãe qual é a palavra com “n” que seria considerada proibida, ao que ela responde: Nicole. A partir das fitas, Mark se tornou suspeito para o júri e para a sociedade, gerando desconfiança do seu relato e até mesmo levantando a possibilidade de que o policial teria plantado as provas. Ao ser interrogado novamente, Furhman preferiu não produzir provas contra si mesmo e invocou a quinta emenda⁴³ ao responder todas as perguntas, inclusive quando foi questionado se já plantou ou produziu alguma prova, o que custou a sua expulsão da corporação.

Existia, então, uma divisão racial na percepção da culpa de O. J. Para os brancos, 77% acreditavam ele era culpado. Para os negros, 72% defendiam que era inocente. E eram os negros que estavam em maioria no júri. Apesar da série de denúncias levantadas por Nicole contra o ex-marido enquanto estava viva, a impunidade e a repercussão fraca dos casos colaboraram para a produção de sentido da inocência dele. Ramires (2017, p. 66) ressalta o papel da mídia nesse contexto:

⁴³ Garante que nenhum cidadão pode testemunhar contra si mesmo, é um direito onde se pode permanecer calado em interrogatório, para não se autoincriminar.

O discurso jornalístico tem sido objeto de estudo, na Análise do Discurso, uma vez que evidenciam posições ideológicas que apontam a mídia como parte uma indústria que obedece às regras da sociedade capitalista. A mídia atua, na atualidade, como uma força que tem o poder de interferir em questões políticas, econômicas e sociais.

Durante a argumentação final de Marcia Clark, ela pede que os jurados se lembrem do que é central naquele caso: os assassinatos de Nicole Brown e Ronald Goldman em um horário onde Simpson não tinha álibi, somado a todas as provas de material genético colhido que foram apresentadas.

O júri permanece frio diante da fala de Marcia, e é muito mais receptivo ao discurso poderoso de Johnny Cochran, responsável por outro momento emblemático do caso, com a frase “if it doesn't fit, you must acquit”⁴⁴, referindo-se ao fato da luva do assassino não servir em O. J., o que deveria servir para comprovar a sua inocência. Cochran ainda argumenta que um racista pode tirar a sua vida, ainda mais quando ele tem poder e está inserido dentro do sistema judiciário e associa os pensamentos de extermínio de negros apontados por Furhman no passado ao extermínio de minorias praticado por Hitler.

4.5 O resultado

Inocentar O. J. tinha muito significado para a comunidade afro-americana e, com o resultado do julgamento, se tornou a manifestação de revolta contra uma série de insatisfações e injustiças, afinal, se ele não conseguisse defesa e justiça com um time excelente de advogados e milhões de dólares, nenhuma pessoa comum conseguiria. A mensagem central que o julgamento de Simpson transmitiu em sua cobertura, foi influenciada pela fabricação de sentidos produzida pela defesa do ex-atleta, associando o caso ao contexto racial dos Estados Unidos.

Tal construção teve muito impacto para a população afro-americana, mexendo com um discurso racista produzido e executado, principalmente, pela polícia de Los Angeles. Tratar Simpson como culpado colocaria a imprensa também enquanto racista. Assim, a mídia aceitou o resultado do julgamento, a versão do júri e do time dos sonhos de advogados que defendiam O. J., apesar de seu distanciamento da questão racial, era indiscutível que o caso conseguiu expor a violência e o racismo da polícia de Los Angeles, despertando na memória

⁴⁴ Algo como “se não couber, você deve absolver” em tradução livre.

da população dos Estados Unidos e do mundo toda a impunidade que imperava na corporação quando ocorriam crimes.

Talvez, por receio de validar crimes racistas, inocentar o ex-atleta seria um discurso combativo contra a violência policial e a impunidade dos autores dos crimes. Por outro lado, é possível que o erro cometido afete o sentido do que é realidade: se Simpson era culpado, inocentá-lo transmitiu uma mensagem bastante nociva sobre o feminicídio e suas vítimas, onde é possível sair da acusação impune se utilizar dos recursos e das estratégias certas, descredibilizando tudo o que estiver envolvido no processo, inclusive a acusação – como aconteceu com Marcia Clark e Chris Darden.

As agressões que Nicole sofreu ao longo do relacionamento e seu assassinato não receberam um tratamento de denúncia dentro da imprensa, fatores diferenciados e distantes do caso que se julgava ocuparam mais espaço na mídia do que a análise dos fatos em si. O. J. era um ídolo, que agora se via como negro, em uma sociedade marcada por conflitos raciais onde a própria polícia seria capaz de tudo para manchar a sua imagem. Tratava-se, então, de um argumento difícil de espantar. Somado a isso, a defesa do ex-atleta trabalhou para descartar, uma a uma, as provas de DNA que baseavam o caso montado pela promotoria.

O trunfo de Darden para condenar O. J. seria a prova da luva, mostrando para a imprensa e para o público que as luvas do assassino eram de uso do acusado, somado as provas da aquisição do objeto para presentear o atleta. A narrativa saiu do controle a partir desse momento: se um item do crime não servia em Simpson e a imagem disso circulou por toda a imprensa, como ele poderia, então, ser o culpado? Toda a ligação da peça com a celebridade foi descartada, assim como os vários indícios na casa de Nicole, nos corpos, no carro e na casa de O. J., que indicavam sua culpa. Diante de uma imprensa que praticamente responsabilizou Nicole pela própria morte, cabia espaço para novas teorias, entre elas o papel da polícia de Los Angeles na autoria das mortes ou um crime de proximidade executado por outra pessoa que Nicole conviveu ou se relacionou.

Diante da leitura de Orlandi (2012, p. 17) sobre a análise do discurso, é possível enxergar os acontecimentos de acordo com a interpretação que a autora faz da obra de Pêcheux "não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido". Não há, portanto, um time de jurados puramente manipulado pela defesa de O. J., o resultado se deu por uma série de fatores, sustentada no discurso de resistência ao tratamento racista da sociedade americana.

Lance Ito pediu que o júri analisasse as provas e desse seu veredito. Satisfeitos com o resultado, chegavam ao fim do caso depois de oito meses de julgamento, 133 testemunhas ouvidas e mais de 45.000 páginas de transcrição do caso. A decisão saiu em uma manhã, os advogados do processo e a imprensa esperavam que os jurados levassem mais tempo, mas todos já se encontravam exaustos e queriam ir para casa.

Para o júri, foram 267 dias e 266 noites: período que classificam como enlouquecedor. Confinados, sozinhos, sem poder falar com seus familiares e nem mesmo com os outros jurados. Depois de ouvirem sobre 1105 provas, deliberaram em aproximadamente 3h30: O. J. foi inocentado das acusações de assassinato com a polícia fazendo cavalaria, como se esperasse por uma revolta. Com o resultado, um dos jurados ergueu o punho para comemorar a inocência de O. J.: era, há muitos anos, membro dos Panteras Negras.

Do lado de fora, as pessoas comemoravam, gritando frases como “esse é o troco por Rodney King!”, endossando a decisão do júri, que também saboreava uma vingança do que acontecia na América há mais de 400 anos. Apesar da celebração, Simpson não se enxergava como um homem negro até o início do julgamento. Aquele resultado não era, então, uma vitória da população negra, mas de um homem rico chamado Orenthal James.

Aqui, cabe refletir acerca do que é apresentado por Dias (2008, 134) “esse processo condenatório pode, ao longo do tempo, cristalizar-se em modelos de valores, em que as classes marginalizadas da população externam sua oposição às injustiças de que são vítimas”.

Livre das acusações, O. J. falava de Nicole sempre com um misto de afeição, irritação e indignação, em uma tentativa de provar para as pessoas que ela era uma pessoa complicada. Simpson negou todas as agressões do passado, sustentando o discurso também no julgamento civil, onde as famílias Brown e Goldman moveram um processo contra ele.

Na ocasião do segundo tribunal, realizado em Santa Mônica, o ex-atleta foi interrogado e chegou a negar a aquisição de sapatos Bruno Magli, um modelo exclusivo com apenas 299 pares vendidos no país, compatível com as pegadas da cena do crime. O. J. diz até que considera eles feios, mas a acusação apresenta fotos dele calçando os mesmos sapatos em outras aparições públicas.

Na obra “Análise de Discurso: princípios e procedimentos”, Eni Orlandi aborda as modalidades de esquecimento, entre elas “o outro esquecimento é o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia” (2012, p. 21). A partir dessa ótica, é possível tentar compreender o comportamento de O. J. Simpson para além da discussão se o atleta é inocente ou não. Depois do resultado com o júri popular, a questão tornava-se

irrelevante. E, ainda que não fosse, O. J. convenceu-se de que era inocente. Da mesma forma que anteriormente não tinha ligação com as luvas, agora também defendia que não tinha relação alguma com os sapatos, porque os acessórios do criminoso não eram seus.

Aqui, a sentença foi indenizar as famílias em 33 milhões de dólares, os quais o ex-atleta nunca pagou. Na cobertura da condenação e no desenrolar da dívida, a imprensa se dividiu da mesma forma que a sociedade americana se dividia: ele deveria pagar a multa se esse foi o resultado da condenação, mas, por outro lado, se o julgamento anterior o declarava inocente, ele realmente precisava enfrentar a punição financeira? Assim, o valor estipulado também foi interpretado como perseguição e racismo contra a celebridade, que foi defendida porque estaria correta em não pagar a soma em protesto.

Simpson foi, inclusive, convidado por programas de televisão para falar sobre o resultado do processo. Assim, ele propagava exaustivamente a sua versão sobre o caso, ocupando espaço na mídia. O ex-atleta, que já trabalhou como comentarista esportivo, sustentava um bom relacionamento com a imprensa dos Estados Unidos, o que servia para conceder certa visibilidade para a celebridade, já conhecida por seu carisma. Em uma das oportunidades, no programa Today da emissora NBC, afirmou que nunca pagaria um centavo da condenação, porque não cometeu os crimes e, então, não devia nada para ninguém.⁴⁵

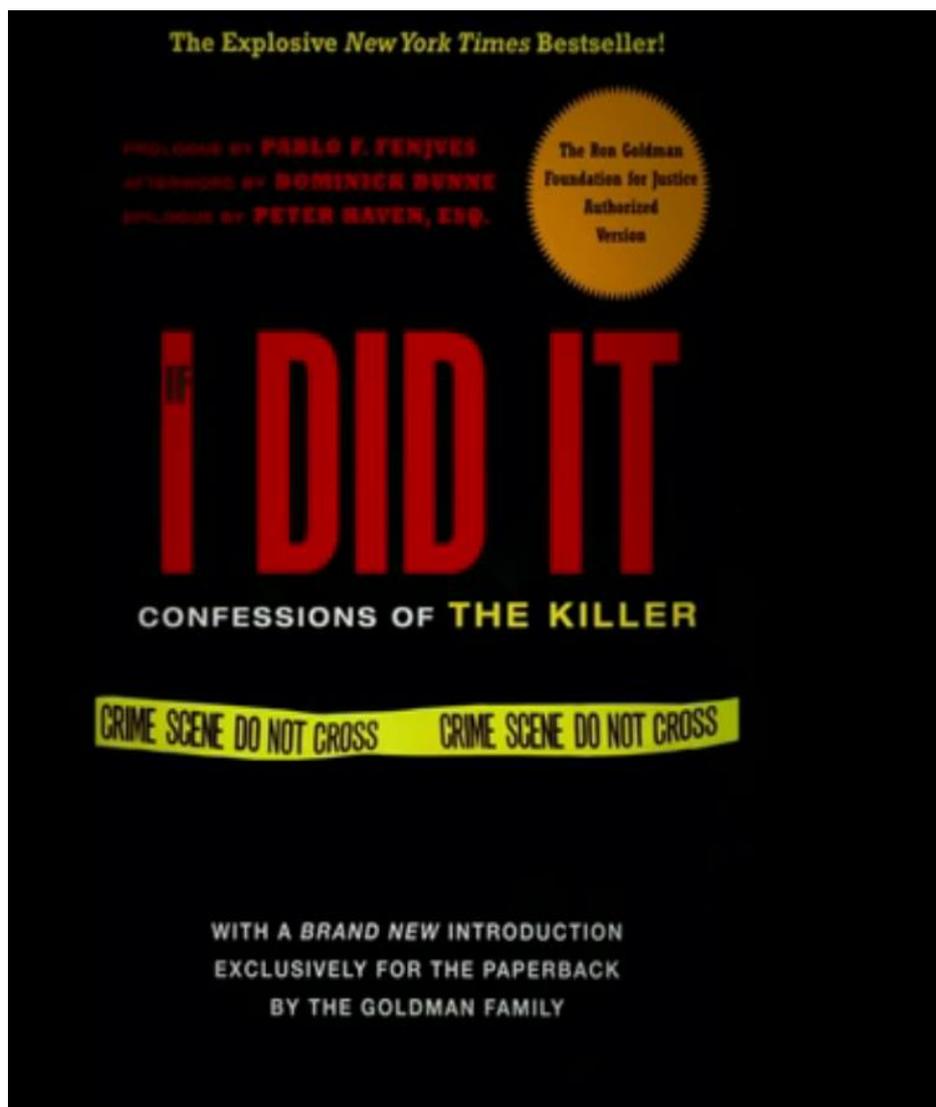
A polícia retirou alguns itens da mansão de O. J. para levar a leilão como pagamento de parte da dívida, mas a equipe de Simpson tratou de esconder em galpões uma série de objetos de valor. Isso também dividiu o público e a imprensa: havia quem considerasse justa a apreensão, mas também quem criticasse que uma polícia com o histórico como a de Los Angeles se colocasse na posição de perseguir um homem negro. Conforme as pessoas perdiam interesse pelo ex-atleta, O. J. escreveu um livro contando como teria assassinado Nicole e Ron se fosse culpado, de título “If I did it”⁴⁶, onde diz, hipoteticamente, que teria contado com ajuda e narra o trajeto da fuga.

O livro sofreu críticas e boicote, levando a demissão do editor responsável e a destruição de 400 mil exemplares. A versão liberada pela família de Ronald Goldman conta com uma alteração da capa, colocando o “if” em letras minúsculas dentro do “I”, brincando com a frase, alterando o sentido de “se eu tivesse feito” para “eu fiz isso”.

⁴⁵ O.J. Simpson diz que não vai pagar indenização. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u4742.shtml>

⁴⁶ Algo como “se eu tivesse feito” em tradução livre.

Figura 7 – Capa de *If I did it*



Fonte: Ebay.com

Mais de 20 anos depois do crime, não é incomum encontrar posicionamentos que culpabilizem vítimas como Nicole Brown. É o caso de Carrie Bess, jurada número 9 do caso, que afirma no documentário não respeitar “nenhuma mulher que apanha quando ela consegue sair”, posicionamento elucidado através de Amaral (2006, p. 70)

As notícias são como narrativas ou histórias marcadas pela cultura da sociedade em que estão inseridas. Os acontecimentos, para se transformarem em notícias e fazerem sentido para alguém, devem estar enquadrados no universo do público. Toda notícia é uma narrativa [...] sobre a realidade e utilizam-se de diversos valores culturais para contar uma história. A forma como a notícia relata o fato muda conforme o público para quem o veículo é dirigido.

Passada mais de uma década do assassinato de sua ex-esposa, O. J. voltou para o banco dos réus. Dessa vez a acusação era outra, uma vez que nenhum cidadão pode ser julgado duas vezes pelo mesmo caso nos Estados Unidos. Em 2007, Simpson invadiu um quarto de hotel com um grupo de amigos para reaver seus itens pessoais que teriam sido roubados de algum dos armazéns onde se encontravam, ocultados, evitando possíveis leilões. Na ocasião, as vítimas registraram todo o ocorrido em um gravador, conversa que foi vendida para uma emissora de TV.

Simpson negou que estivesse armado ou que tivesse consciência de que estava fazendo algo errado. Disse, também, que estava apenas tentando recuperar o que era seu. A juíza do caso manteve o júri até às 23 horas de sexta-feira, exatamente 13 anos depois do veredito de inocente que O. J. recebeu. Foi condenado a 33 anos de prisão, o mesmo número da quantia da condenação do tribunal civil, onde deveria indenizar as famílias nesse valor. O ex-atleta saiu considerado culpado em 12 acusações, entre elas assalto à mão armada e sequestro. Desde julho de 2017 ele está em liberdade condicional.

De acordo com Orlandi (2012, p. 15) "na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história", olhar para parte que constitui o discurso da violência, levando em consideração os efeitos do machismo e do racismo em uma sociedade, utilizados para banalizá-lo, é parte do discurso de formação do homem e de sua história.

Portanto, é preciso refletir, também, sobre a existência de estados de violência, onde a imprensa passa a legitimar determinados níveis de barbárie, reproduzindo as opressões que o leitor se identifica e deseja encontrar ali. No caso em questão, uma série de discursos que circulam na nossa sociedade se encontram para produzir um sentido e uma realidade.

Essa, em um cenário onde O. J. seja o responsável pelas mortes, teve um resultado nocivo. O racismo e a violência policial são questões que afetam a sociedade, seja ela a brasileira ou a estadunidense, mas se o compromisso de combater essas pautas foi, então, apropriado enquanto parte do quadro de validação de um caso de feminicídio, onde a defesa operava aplicando um tipo de machismo que segue imperando na imprensa e no convívio social até os dias de hoje, onde se diminui e responsabiliza as vítimas que sobrevivem ou não. Há, aqui, portanto, uma série de danos. Seja para a luta das mulheres e para o próprio combate ao racismo e a violência policial, onde os dois últimos viraram, então, instrumentos para inocentar alguém que apenas aproveitou dessas pautas quando foi conveniente.

Simpson foi, também, instruído por um grupo de profissionais para auxiliar uma narrativa perversa não somente contra Nicole, mas que atingiu Ronald Goldman, Marcia

Clark e Chris Darden, por exemplo, além das testemunhas que foram coagidas ou destruídas publicamente durante o julgamento. Assim como a construção das violências em uma sociedade capitalista não é da responsabilidade de um grupo restrito, nem O. J. ou sua equipe são responsáveis sozinhos pelas imagens que construiu ao longo de sua vida: seja quando ainda estava no esporte e era uma das personalidades negras mais queridas do país, apesar do seu silêncio sobre a pauta racial, ou no andamento do processo, onde o caso foi conduzido enquanto uma análise da brutalidade e do racismo aplicado pela polícia de Los Angeles. A distorção de discursos para produzir um sentido opera, então, afetando a realidade.

Quando O. J. entrou em liberdade condicional em 2017 – resultado da pena de 33 anos que foi condenado em 2008, pelo assalto a um hotel no ano anterior –, mais de 20 anos depois do “julgamento do século”, como é chamado o caso de assassinato de Nicole e Ronald Goldman, viver fora do presídio foi um termômetro para medir como estava a popularidade de O. J. aqui fora.

Os produtos televisivos lançados no mesmo período da condicional ajudaram a aumentar a popularidade do ex-atleta, que chegou até a receber propostas para um *reality show* sobre o seu dia-a-dia. Somado a isso, Simpson esteve em mais de uma oportunidade nos estádios de futebol americano, onde foi exibido pela imprensa com destaque, teve seu nome citado e em alguns casos o convite partiu das próprias equipes: independente da acusação de assassinato e da pena que cumpriu anos depois por assalto, O. J. ainda é um ídolo e, em menor escala, ainda recebe tratamento de celebridade. A nível local, algo semelhante⁴⁷ pode acontecer com Bruno, ex-goleiro do Flamengo, caso volte ao esporte.

Compreender isso, portanto, também perpassa sobre olhar para a sociedade e constatar a dimensão dos problemas gerados através da impunidade, do esquecimento e desses discursos, afinal, segundo Orlandi (2012, p. 21) "quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós", o que elucida a perpetuação dos discursos da violência, sua reprodução no esporte, na sociedade e na imprensa, fazendo com que, talvez em uma atuação de regra, todo acusado de agressão seja um pouco visto como O. J. foi retratado: uma pessoa inocente, amável e vítima de armação.

Por outro lado, toda vítima também é um pouco tratada como Nicole: pode ser que tenha merecido, dado motivo, traído o marido ou devia ter fugido antes. Outro aspecto doloroso do caso de Brown é, por fim, seu esquecimento. O caso segue sem um culpado e

⁴⁷ O.J. Simpson, o julgamento do século. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/2019/07/19/oj-simpson-o-julgamento-do-seculo.ghtml>

sem justiça, porque a imprensa e o público se perderam diante do fascínio que representava o ex-atleta e sua defesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência doméstica também é uma realidade atrelada aos esportes mais populares no Brasil e nos Estados Unidos. Por aqui, além dos casos já apontados ao longo do trabalho, o jogador Dudu, que defende o Palmeiras e coleciona títulos no clube, pagou fiança em 2013 depois de agredir a esposa com puxões de cabelo e socos na cabeça. Depois foi condenado a prestar serviços comunitários. Em 1987, quando Cuca era jogador pelo Grêmio, foi acusado de estuprar uma garota de 14 anos junto com outros três colegas de equipe na Suíça. Passou um mês detido, defendeu diversos clubes grandes do país por quase dez anos, até se aposentar e assumir a carreira de treinador, onde segue atividade, tendo treinado Palmeiras, Santos e São Paulo nos últimos três anos.

Vampeta, quando defendia o Vitória, em 2004, também foi acusado de espancar sua esposa. A carreira do atleta seguiu normalmente, tendo atuado pelo Corinthians, se aposentado, assumido a função de comentarista esportivo e a presidência do Grêmio Osasco Audax. No futebol internacional, Maradona, um dos maiores ídolos do esporte, também enfrentou acusações comprovadas em vídeo, por dar dois socos em sua ex-noiva, Rocio Oliva, enquanto ela implora que ele pare.

Em 2014, a NFL colocou em seus termos a suspensão de seis jogos para quem se envolver em violência sexual ou doméstica, com banimento definitivo para os reincidentes. Ray Rice é um caso positivo para a política da liga: o vencedor do Super Bowl XLVII pelo Baltimore Ravens foi punido com uma suspensão definitiva do esporte e dispensado da equipe antes mesmo do resultado no júri civil, onde as acusações de violência doméstica e agressão física de sua ex-namorada, deixada inconsciente após uma série de socos, foram retiradas quando ele aceitou ser acompanhado por um profissional.

Na prática, muitas vezes o emprego da punição cabe aos clubes, que tomam suas decisões diante das denúncias do público. Ray McDonald, por exemplo, foi acusado de agredir a mulher, de estupro e de abuso infantil, mas foi cortado pela equipe, sem antes receber uma punição da liga. Ezekiel Elliot foi punido um ano depois das acusações de violência doméstica realizada por sua ex-namorada, que relatou as agressões no Instagram, mostrando as marcas.

A violência no esporte enquanto regra atua de acordo com o

funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de

argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. (ORLANDI, 2012, p. 21)

Não é incomum encontrar agressores ainda em atividade no esporte. As denúncias também perdem força diante do poder dos atletas, dos empresários e dos clubes quando confrontados por mulheres predominantemente jovens, que tem a vida revirada e exposta pela imprensa ou por assessores e advogados que o dinheiro pode pagar, coagindo as vítimas a retirarem as denúncias, aceitarem acordos ou a sofrer em silêncio, temendo as formas de retaliação, os questionamentos sobre sua moral e credibilidade e os efeitos das ações da mídia e da opinião pública.

Enxergar quem tem voz dentro das narrativas dos crimes de proximidade contra mulheres é, portanto, fundamental para compreender a produção de sentidos. A disputa pelo controle da história nunca é justa para as vítimas e suas famílias. No caso das sobreviventes, muitas vezes já estão sofrendo os danos da violência física, psicológica e patrimonial e ainda se encontram diante de campanhas difamatórias na imprensa.

Com as denúncias, é frequente que algo do passado das vítimas seja exposto e utilizado para desacreditá-las de modo a transferir a culpa para elas do crime que sofreram, independente se sobreviveu ou veio a falecer. Assim, se legitima, também, as violências que ecoam nas crenças do leitor. E esse processo, para o *modus operandi* da imprensa, acaba sendo mais importante do que a própria investigação dos crimes de proximidade.

CONCLUSÃO

Ameaças das mais diversas e chantagens são formas utilizadas por agressores para silenciar as vítimas, que viram, então, de acordo com a imagem construída por eles, mulheres loucas, violentas, gananciosas, ciumentas e vingativas. São, nessa ótica, pessoas que querem prejudicá-los a todo custo. Assim, a imprensa e a sociedade operam para distorcer o sentido da acusação de agressão, e aderem aos relatos opostos, onde os autores da violência passam a se colocar na posição de vítima. Dessa forma, a mídia esquece a denúncia que originou o caso e leva outros aspectos para o protagonismo, esquecendo da violência que sofreram, aderindo e praticando a violência dominante que ataca a vítima de volta.

As campanhas difamatórias, o desrespeito e a impunidade são extremamente prejudiciais para se construir uma sociedade segura, com uma imprensa que apoie as denúncias contra celebridades, seja capaz de romper com o silêncio e se posicione contra as opressões tradicionais, que promovem silenciamento, esquecimento e a propagação de

mentiras sobre as vítimas, sobreviventes ou não: no último caso, também é comum que seus familiares sejam pressionados a aderir ao silêncio.

Dentro de uma sociedade capitalista, o dinheiro representa poder e é um imperativo do silêncio: se a imprensa está convencida da inocência desses ídolos, independente da quantidade de provas existentes, essa narrativa é predominantemente a que atingirá o público, contando sua versão dos fatos, possivelmente fabricada. A descrença aplicada para as vítimas de crimes de proximidade é tamanha, que já se supõe que uma celebridade, uma lenda, não precisa caminhar por práticas criminosas para alcançar o que quer.

Assim, a ideia que se estabelece da mulher é como algo de menor valor: um objeto conquistado ou descartado, que por raiva ou rejeição utiliza da justiça, quando possível for, para levar prejuízos financeiros ou de imagem aos seus desafetos, com o desconforto criado. Apesar da desconfiança e da humilhação que as vítimas são submetidas na imprensa e diante da opinião pública, o silenciamento dessas mulheres é muito mais frequente do que a comprovação de que a acusação é mentirosa.

Esquecer os casos de violência no meio esportivo custa caro para a nossa sociedade, tal prática naturaliza processos e discursos que precisam ser combatidos, mas são tratados com impunidade e esquecimento. Por medo, manutenção de bom relacionamento com fontes do meio ou prática editorial, a imprensa não se compromete com o enfrentamento da violência, não recorda esses acontecimentos e presta pouca assistência para as sobreviventes.

E, se não há espaço para escutá-las quando o crime de proximidade está apenas no campo da agressão, o que segue é a promoção do silenciamento, resultando em casos fatais como o de Nicole. Os agressores seguem recebendo aplausos por sua carreira, encantando e inspirando quem os adora, entre crianças e adultos, sem perder o status de ídolo no critério da imprensa e do público, que desrespeitam a memória das vítimas.

Analisar os procedimentos da imprensa em casos de comoção nacional, onde não há necessariamente um protocolo de atuação, colabora na discussão da ética jornalística. Tal reflexão também acrescenta debate ao compreender sua aplicação nas próprias teorias da comunicação, para exercitar o olhar em função da prática jornalística, voltada para a tomada de decisões, sejam elas editoriais ou do próprio profissional que atua na cobertura. Verificar como as relações ocorrem em função das escolhas do veículo e os caminhos que essa interação influencia. Ao compreender que vivemos em uma sociedade capitalista e rodeada de preconceitos, ao optar por dar voz aos agressores e em perpetuar agressões que o leitor se identifica, sem oferecer espaço para escutar as vítimas antes que os crimes de proximidade encontrem sua escalada fatal e final, é preciso entender que o discurso de violência não

encontra o seu fim aí: pelo contrário, a ausência de cobertura, comoção e punição colabora para a perpetuação desse discurso, encontrando na impunidade uma porta voz segura e popular. Os efeitos dessa disparidade na ocupação de espaço e na distorção da produção de sentido ecoam, então, colaborando com discursos que já estão em processo, se legitimando através do jornalismo e de outras formas de expressão na mídia e na cultura para seguir em atividade. Através de matérias jornalísticas, do documentário e das publicações analisadas no trabalho, é possível verificar que a violência de gênero obedece a um discurso sistêmico na nossa sociedade, operada e reproduzida com a finalidade do silenciamento da pauta, usando as consequências da denúncia e até mesmo o horror dos casos para afastar a possibilidade da existência dos crimes de proximidade nos cenários em que vivemos no dia-a-dia, quando já somos vítimas de inúmeras violências naturalizadas no cotidiano, que encontram respaldo pela maneira branda em que se apresentam, mas continuam a se perpetuar justamente pelo discurso estabelecido que não oferece protagonismo para as mulheres em suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

AMENDOLA, Beatriz. **Verdade ou ficção? Saiba o que é fato em "The People vs O.J. Simpson"**. TV e Famosos UOL, 27 fev. 2017.

Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/listas/verdade-ou-ficcao-saiba-o-que-e-fato-em-the-people-vs-oj-simpson.htm>. Acesso em: 25 fev. 2020.

BRAGA, José Luiz. **A Sociedade Enfrenta Sua Mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

CARVALHO, Bruno. **B.O. relata oito socos de Jean em mulher e chapinha quebrada na cabeça dele**. UOL, 18 dez. 2019. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/12/18/bo-relata-oito-socos-de-jean-em-mulher-e-chapinha-quebrada-na-cabeca-dele.htm> Acesso em: 25 fev. 2020.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Jornalismo e crimes de proximidade: uma desconfiança metodológica complexa**. In: MARTINS, Moisés de Lemos; OLIVEIRA, Madalena (ed.), Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização. p. 2770-2778. 2014. Disponível em:

https://www.academia.edu/35977753/Jornalismo_e_crimes_de_proximidade_uma_desconfian%C3%A7a_metodol%C3%B3gica_complexa. Acesso em: 24 fev. 2020.

CARVALHO, Paulo. **Transmissão do julgamento de O.J Simpson alcança mais de 10 milhões de pessoas**. Bastidores da TV, 25 jul. 2017. Disponível em:

<https://www.bastidoresdatv.com.br/televisao/transmissao-do-julgamento-de-o-j-simpson-alcanca-mais-de-10-milhoes-de-pessoas>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CASTRO, Marcos de. **O.J. Simpson "confessa" morte de ex-mulher e amigo em entrevista**. Notícias R7, 12 mar. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/oj-simpson-confessa-morte-de-ex-mulher-e-amigo-em-entrevista-12032018>. Acesso em: 25 fev. 2020.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

CONJUR. **Juíza diz porque não aplicou Maria da Penha a Bruno**. 13 jul. 2010.

Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2010-jul-13/juiza-porque-nao-aplicou-lei-maria-penha-bruno>. Acesso em: 11 jun. 2020.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O Discurso da Violência**. São Paulo: Cortez, 2008.

ESPN. **Nélson Smedo saiu na mão com Neymar e o fez abandonar treino do Barcelona; agora, é peça chave para novela com PSG**. 16 ago. 2019. Disponível em:

https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/5957240/nelson-semedo-saiu-na-mao-com-neymar-e-o-fez-abandonar-treino-do-barcelona-agora-e-peca-chave-para-novela-com-psg. Acesso em: 11 jun. 2020.

ESPN Films. **O.J.: Made in America**. Direção de Ezra Edelman. 2016. (7h 47min).

GLOBO ESPORTE. **Justiça francesa arquiva denúncia contra Neymar por agressão a torcedor do Rennes**. 05 nov. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/justica-francesa-arquiva-denuncia-contra-neymar-por-agressao-a-torcedor-do-rennes.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Serena sobe o tom com pergunta sobre parar de lutar por igualdade: "Estarei no túmulo"**. 13 jul. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/tenis/noticia/serena-sobe-o-tom-ao-ser-questionada-sobre-parar-de-lutar-por-igualdade-estarei-no-tumulo.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2020.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga; PIRES, Breiller. **Marta, a rainha do futebol**. EL PAÍS, 8 jun. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/04/eps/1559648295_962249.html. Acesso em: 11 fev. 2020.

KESTELMAN, Amanda; BARCELLOS, Carol. **Em Copa marcada pela luta contra a discriminação, Marta sobe tom ao pedir por igualdade**. Globo Esporte, 16 jun. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/em-copa-marcada-pela-luta-contra-a-discriminacao-marta-sobe-tom-ao-pedir-por-igualdade.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2020.

LIMA, Lohanna. **NFL e a violência doméstica**. O Tempo, 17 ago. 2017. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniao/lohanna-lima/nfl-e-a-violencia-domestica-1.1509553>. Acesso em: 11 fev. 2020.

LYONS, Joseph. **How Did Nicole Brown Simpson & Ronald Goldman Know Each Other? 'American Crime Story' Explores Their Horrific Murders**. Bustle, 3 fev. 2016. Disponível em: <https://www.bustle.com/articles/139416-how-did-nicole-brown-simpson-ronald-goldman-know-each-other-american-crime-story-explores-their>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MAGGIE, Yvonne. **O.J. Simpson, o julgamento do século**. UOL, 19 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/yvonne-maggie/post/2019/07/19/oj-simpson-o-julgamento-do-seculo.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MARIANO, RAUL. **Cronologia: entenda as etapas do caso Bruno**. Hoje em dia, 24 fev. 2017. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/cronologia-entenda-as-etapas-do-caso-bruno-1.448294>. Acesso em: 11 jun. 2020.

MELLO, Patrícia Campos. "**Se eu matei, foi assim que cometi o crime....**". Estadão, 19 nov. 2006. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/patricia-campos-mello/se-eu-matei-foi-assim-que-cometi-o-crime/>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MENDONÇA, Renata; NINA, Roberta. **Marta, 33: a mulher que fez o sonho do futebol ser realidade para meninas**. UOL, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/02/19/marta-33-a-mulher-que-fez-o-sonho-do-futebol-ser-realidade-para-meninas/>. Acesso em: 11 jun. 2020.

GRILLO, Marcelo. **Ministério Público do Rio denuncia Romário por atropelar motociclista na Barra**. O Globo, 5 jun. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/ministerio-publico-do-rio-denuncia-romario-por-atropelar-motociclista-na-barra-23718167>. Acesso em: 11 fev. 2020.

Folha de São Paulo. **O.J. Simpson diz que não vai pagar indenização**. 25 jul. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u4742.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2020.

ISTOÉ. **Goleiro Bruno fecha contrato com clube empresa e jogará segunda divisão do RJ**. 01 abr. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/goleiro-bruno-fecha-contrato-com-clube-empresa-e-jogara-segunda-divisao-do-rj/>. Acesso em: 11 jun. 2020.

ISTOÉ. **Santos só bateu Atlético-GO por 2 gols no jogo do bate-boca de Neymar com Dorival**. 11 abr. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/santos-so-bateu-atletico-go-por-2-gols-no-jogo-do-bate-boca-de-neymar-com-dorival/>. Acesso em: 11 jun. 2020.

Revista Monet. **O.J. Simpson recebeu quase 12 milhões de reais por entrevista em que fala como hipoteticamente mataria a esposa**. 12 mar. 2018. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Celebridades/noticia/2018/03/oj-simpson-recebeu-quase-12-milhoes-de-reais-por-entrevista-em-que-fala-como-hipoteticamente-mataria-esposa.html>. Acesso em: 25 fev. 2020.

Observatório da Imprensa. **VINTE anos do caso que mudou o consumo de notícias**. 17 jun. 2014. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da-imprensa/_ed803_vinte_anos_do_caso_que_mudou_o_consumo_de_noticias/. Acesso em: 25 fev. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012.

PIRES, Breiller. **A Copa do despertar feminista de Marta: “O futebol feminino depende de vocês para sobreviver”**. EL PAÍS, 24 jun. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/23/deportes/1561293444_607682.html. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. **Como o futebol alimenta a cultura do estupro e menospreza a violência contra mulheres**. EL PAÍS, 24 nov. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/24/deportes/1511552695_344160.html. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. **Crianças à mercê do abuso sexual no futebol**. EL PAÍS, 21 set. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/21/deportes/1505949724_452491.html?rel=mas. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. **Cruzeiro estampa números da violência contra a mulher**. EL PAÍS, 8 mar. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/08/deportes/1488984185_008607.html. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. **“Muitos jogadores de futebol consagrados já foram vítimas de abuso sexual”**. EL PAÍS, 28 set. 2017. Disponível em: “Muitos jogadores de futebol consagrados já foram vítimas de abuso sexual”. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. **O retorno do goleiro Bruno, entre a ressocialização e o cinismo**. ELPAÍS, 31 ago. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/29/deportes/1567100612_158091.html. Acesso em: 11 jun. 2020.

_____. **Richarlyson, de novo alvo do tormento dos ataques homofóbicos**. EL PAÍS, 9 maio 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/09/deportes/1494343530_901105.html. Acesso em: 11 fev. 2020.

RAMIRES, Lúcia Maria Marinho da Pureza. **"Eles conseguiram": Os sentidos de "sucesso" no jornalismo de televisão**. Maceió: Edufal, 2017. p.137-212.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil**. Salvador: Edufba, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8750/3/Negritude%20sem%20etnicidade%20Copy.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2020

SILVA, Ana Carolina. **Hora de meter a colher: 10 atletas acusados de agressão que foram poupados.** UOL, 10 dez. 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/listas/hora-de-meter-a-colher-10-atletas-que-agrediram-mulheres-e-foram-poupados.htm>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O. J. matou por ciúme, diz acusação.** Folha de São Paulo, 25 jan. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/25/mundo/1.html>. Acesso em: 25 fev. 2020.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco.** Petrópolis: Vozes, 1972.

TOGNOLLI, Claudio Julio. **Família de vítima quer indenização por livro de O. J. Simpson.** Conjur, 21 dez. 2006. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2006-dez-21/familia_vitima_indenizacao_oj_simpson. Acesso em: 25 fev. 2020.

UOL. **EX-MULHER de Jean posta novas fotos de agressão e diz que filhas a ajudaram.** 14 fev. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/02/14/mulher-goleiro-jean-agressao.htm>. Acesso em: 25 fev. 2020.

UOL. **TÉCNICO confirma, e goleiro Jean vai estreiar como titular no Atlético-GO.** 19 fev. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/02/19/tecnico-confirma-e-goleiro-jean-vai-estrear-como-titular-no-atletico-go.htm>. Acesso em: 25 fev. 2020.

URZAIZ, B. G.; IRÍBAR, A. **Abusos na ginástica: o inferno silencioso das estrelas dos Jogos do Rio.** EL PAÍS, 22 nov. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/22/internacional/1511378589_866282.html. Acesso em: 11 fev. 2020.

VEJA. **Neymar faz 4 gols... e é vaiado pela própria torcida.** 18 jan. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/neymar-faz-4-gols-e-e-vaiado-pela-propria-torcida/>. Acesso em: 11 jun. 2020.